

## EDITORIAL

## DA(S) MEMÓRIA(S)

Fiama Hasse Pais Brandão escreveu, algures no veio rumoroso da sua poesia:

*Guardado no silêncio mais espesso  
o tempo faz e desfaz a vida*

Porém, no nosso coração alerta, perguntamos incessantemente:  
*E não resta nada? Tudo se esvai assim de vez nesse silêncio cioso?*



Trabalho sobre fotografia de Seb-Janiak.

É aí que se descobre que esse é um silêncio especial que guarda e resguarda, carinhoso e obreiro, esse tempo plural da vida para que nele fermente e cresça o acervo infindável da Memória. E no acaso de uma ou outra busca, no afã de um regresso ao que passou, em nostálgica curiosidade ou dorida saudade, nascem as recordações. São momentos, são pinturas, são palavras que aviventam, em narrativas mais ou menos emotivas ou emocionadas, aquilo que o tempo e

os olhos do coração captaram e guardaram. São, no registo individual como coletivo, viagens que trazem até ao Presente, narrando-os ou lembrando-os, acontecimentos e pessoas que o pesado correr do tempo histórico distanciou, por vezes a ponto de os depositar no esquecimento. Sempre que o Passado morre na memória individual ou coletiva o que morre, sem qualquer dúvida, é uma parte, talvez a mais genuína e sentida, do Futuro. Isto se, no Presente, não se forem iluminando, a seu tempo e a seus propósitos, as figuras, os gestos e as obras daqueles que, ao passarem, foram construindo a nossa herança. Porque cada um de nós, como pessoa e cidadão, é uma soma afeiçoada, e quantas vezes, por felicidade, aperfeiçoada, de legados vindos dos outros que nos precederam ou por nós passaram, na sua/nossa terra, filhos da graça de Deus e dos acasos da vida. É essa manta de retalhos, cosida com o fio da memória, que nos conforta e acalenta e que, na soma dos dias que nos couberam, nos permite conhecer o tempo e o modo que nos fizeram como somos, aquilo de que nos podemos orgulhar e talvez, quem sabe?, nos ajude a cuidar também da sombra que algum dia deixaremos atrás de nós.

É assim que, contrariando a voz da poeta, a Memória é a voz que rasga, herdada mas viva, o mais espesso silêncio do olvido e da indiferença.

Nisso crentes e para que assim seja, quisemos, com as reflexões, evocações e homenagens que aqui se deixam, apontar algumas das pegadas indelévels que nos levarão à clareira da Memória futura.

Maria Lúcia Garcia Marques



António Palolo,  
“Home”, 1986.

## DO ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO

*António Manuel Machado Pires\**

*Nemo in sese tentat descendere*  
MONTAIGNE

Não. A Universidade não é simplesmente a “casa do conhecimento”, da erudição, da investigação. É mais do que isso: é a personalidade de cada um de nós. É o saber personalizado, sem o qual não há verdadeira sabedoria. O pragmatismo economicista, a massificação, a democratização que envolvem o nosso tempo e o ensino superior criaram o mito moderno do saber universitário confundido com o diploma que se compra ou o título que se obtém. Não que o conhecimento, a literacia “literária” e “tecnológica” não sejam benéficos. Mais gente sabe ler, mais gente conhece o mundo pela comunicação social, muita gente manipula o computador, o *tablet*, o telemóvel de última geração. Até uma criança. Assim se atinge um saber generalizado que redime séculos de ignorância e escravidão da mente. Mas paradoxalmente se cria uma nova escravatura, onde Xerxes, o imperador persa, do alto do seu carro de ouro, com um azorrague, grita às multidões “Sois livres!” – “Mas para ali, por onde eu digo, é que é o caminho!” E caminham, aparentemente felizes, porque a palavra mágica, *Liberdade*, foi pronunciada, *democraticamente*, gerindo os bastidores da “aldeia global” com novos meios de criar aparente e efémera felicidade.

“Je seme à tout vent” emblemática da Enciclopédia Larousse, hoje está substituída. Hoje o *Google* faz muito melhor, as suas fronteiras são universais, a sua mensagem sempre actualizada, ao alcance de um *click*. Mas um *click* faz-nos receber uma

informação, nem sempre construir um saber, saído da nossa própria cabeça. Cultura anda perigosamente confundida com informação. A Revolução Informática, viragem decisiva e irreversível na História da Humanidade, trouxe também o negócio do saber, e onde há negócio há corrupção. Há jogos com a personalidade de pessoas reduzida a simples formulários de *curriculum*, em termos convencionais: se “tem capacidade de relacionamento”, se “tem boa aceitação na comunidade”, se “tem preparação para o voluntariado”, enfim se “tem conhecimento de línguas”, etc. – deixando a personalidade profunda e a individualidade do candidato intocadas... Assim se pensa que concorrem “democraticamente” e sem cunhas, que podem estar absconditas...

Para uma grande sociedade funcionar bem, tem de ser muito formalizada, estandardizada. “Em terra de cegos, quem tem um olho é rei” – não! Quem tem um olho, tira-se-lho, o mais depressa possível, para que não perturbe a eficiência ordeira da produção. A corrupção do saber pode até levar a uma universidade em cada esquina. Casa mãe, dependências, sublimemente chamadas pólos, que deitam mão ao docente mediano que mora mais perto. Por cada iniciativa séria – que as há – muitas ou várias o não são. Criam muitos cursos “de papel e lápis”, que não implicam laboratórios complicados e que até permitem trabalhos de grupo ou trabalhos *on line*. E assim lá se vai obtendo um diploma.

Onde está o aperfeiçoamento da Língua, fundamental avaliador do nível cultural universitário? Onde o contacto presencial

\* Professor catedrático e ex-reitor da Universidade dos Açores.



Um olhar diferente, um olhar diverso...  
Vhils, para o Websummit em Lisboa, 2016 (arte urbana).

com personalidades que nos empolguem e nos dêem exemplaridade? Onde o *cor ad cor loquitur*, os olhos nos olhos do professor e aluno, relação presencial formativa? Onde a corajosa classificação dos melhores alunos, condição *sine qua non* das “velhas” universidades para convidar um aluno cuja personalidade se reconhece para fazer carreira? Onde, ainda, a diferença entre o conhecimento de factos e a capacidade de os julgar com bom senso? E onde, finalmente, a aceitação pública da mediocridade promovida promiscuamente a génio? O génio é raro, mas os diplomas são muitos. As universidades são muitas, mas poucos os bons ou os muito bons. E, assim, foi sempre assim. Claro que hoje é tempo de alargar o conhecimento, mas pelos interstícios se infiltram as vigarices, ou, pelo menos, as vulgaridades. Há que correr riscos, confiar no bom senso... dos que o têm.

Aqui há anos o mito da Europa do conhecimento levou ao chamado *Green Paper* (tinha uma capa verde), documento para o estudo da reforma do Ensino Superior, até distribuído aos reitores de universidades, aí por 1991. Falava de *um ethos multilingue e pluricultural*, de uma Europa das universidades (pré Bolonha). Preconizava duas medidas básicas: uma língua comum e a Europa nas escolas, isto é, nos compêndios, saber-se o mais possível sobre a Europa. Da língua comum, mito muito esforçado, diria anos mais tarde o cintilante espírito de Umberto Eco que, perante a diversidade de línguas, língua comum só a tradução... Quanto à Europa nos compêndios, estamos melhor, mas as ciências políticas não são para qualquer um. E a Europa tem um passado tumultuoso e um futuro incerto. Talvez as universidades possam contribuir para um espírito comum. Talvez a mobilidade universitária e as exigências da tecnologia e da investigação contribuam para padrões superiores de civilização. Entretanto a História coexiste com a Pré-História, o conforto com o terror, a segurança com a insegurança, a máxima riqueza com a máxima pobreza, as maravilhas da tecnologia com a



Biblioteca do Convento de Mafra.

poluição e com o aquecimento global. Sinais inquietantes de extremismos ideológicos e religiosos têm surgido.

Mas nunca a humanidade se viu com tantas possibilidades científicas. Instrumentos produzidos na Terra pousam em asteróides distantes, novos elementos irão surgindo para novas interpretações cosmogónicas. No mundo do infinitamente pequeno, da biologia e da nanotécnica estão outras dimensões do universo em busca da origem da vida e da cura para muitos males. Decerto a investigação universitária pode contribuir positivamente e Portugal tem estudiosos espalhados por todo o mundo que têm feito muito bom papel. Devemos ser patriotas num coisa boa que é *apátrida*: a CIÊNCIA.

A Ciência é uma luz de progresso. Esta metáfora já está no *Eclesiastes*, que o Prof. José Enes, primeiro reitor do então Instituto Universitário dos Açores (1976, 9 de Janeiro), utilizou para extrair a divisa institucional: *Sicut aurora scientia lucet*. A Ciência brilha como uma aurora. Uma interpretação



Biblioteca Joanina, Universidade de Coimbra (perspetiva do teto).

poético-messiânica adequada à vontade nascente de cientificar o progresso dos Açores.

A revolução de 25 de Abril de 1974 abriu (“demais?”) as portas das universidades e as facilidades de carreira. Entrou não só o desejável mas o aceitável. Eu ouvi uma curiosa conversa aquando da visita do Ministro Veiga Simão à Faculdade de Letras de Lisboa. Falava-se da falta de doutorados. Dizia a Prof. Doutora Virgínia Rau: “E não teme, senhor Ministro, que haja então doutores a mais?” Resposta de Veiga Simão: “Quem me dera que houvesse tantos que as universidades já não pudessem absorvê-los!” E é que houve mesmo, o que nem sempre foi bom para eles e para o país, que os perdeu. Enfim, exageros de confrontos de diferentes posições ideológicas.

Uma forma de resolução foi criar um vasto panorama de ensino superior que ocupasse a juventude perigosamente desocupada e um contingente de muitos candidatos a docentes do ensino superior, universitário ou politécnico. Nos anos 90, para uma população de cerca de dez milhões de habitantes, já havia catorze universidades no Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (C R U P), muitos politécnicos e muitas universidades privadas. E obviamente a base de recrutamento de bons professores universitários era limitada. Falou-se até de “turbo-professores”, gente qualificada que ia de instituição em instituição dando lhes saber “à pressa”. O prestígio estava à venda. O *eu* do aluno pouco interessava. O *curriculum* era “fazer” universidades. A moda é ter (ou comprar?) um diploma. Visão exagerada? Talvez, mas há sempre que separar o trigo do joio. Muita gente “formada”, muitos enganos à mistura...

Em matéria de política de investigação, há que almejar não o investigador executante mas o investigador intérprete, não o que é apenas mandado executar uma tarefa, mas aquele que *decide* se está certo ou errado, aquele que mesmo do erro ou da falha tira a lição de outras hipóteses. É isso pesquisar, optar por novos caminhos, até acertar, fazendo avançar o conhecimento. Assim se encontram novos caminhos, se constroem teorias, se arriscam métodos. *Métodos*, etimologicamente “caminhos para ir para além de”. E tanto nas ciências da natureza como nas ciências humanas a imaginação é propulsora de métodos.

Um trabalho para obtenção do grau de DOUTOR tem de envolver imaginação e o carisma de fazer avançar o conhecimento, de levar outros a ter de conhecer o caminho percorrido. Um trabalho, mesmo gigantesco, que não tenha um pouco deste carisma, deste “risco”, não nos parece ser uma tese de doutoramento. Não alimenta o espírito universitário, apenas cumpre um ritual, uma dificuldade a vencer.



Livraria Lello, Porto.

Outro traço do espírito universitário é a curiosidade. É ela que mobiliza o interesse, que excogita a mente, treinando-a.

A curiosidade só por si não basta para fazer o espírito universitário. É preciso espírito crítico, que destrinça o acessório do essencial, a ciência da mera divulgação da ciência. De resto, a divulgação científica só deve ser feita por cientistas, que dominam as essências, os critérios, os métodos.

Os Politécnicos têm a nobre missão de formar quadros “activos”, contribuir para a indústria, a tecnologia e a economia. E, claro, não estão proibidos de fazer investigação. Hoje há um potencial tecno-científico enorme. Há vastíssimo caudal de informações *on line*. Mas também se deve chamar a atenção para uma sociedade à base do número e da estatística – indispensáveis, mas que podem *desumanizar*. Não basta a eloquência dos números, é preciso dar-lhes conteúdo humano e personalizado. Por detrás do número esconde-se o caso. É a *qualidade* de formação das pessoas. Costuma-se chamar a esta preocupação humanista, mas nem sempre se sabe conferir à palavra toda a significação que ela potencia. Às vezes confunde-se ser humanista com ser “humano”, concessivo, bondoso... ou com simplesmente ser estudante de Letras! Ora as Humanidades exigem uma reflexão sobre os valores do Homem e a condição humana. Não são a Cruz Vermelha do saber, não são supletivos, retóricos, ornamentais do discurso.

O Humanismo (período da História da Cultura ligado ao Renascimento) apelava para os valores da História greco-latina. Hoje há valores do nosso tempo: a tolerância, a inclusão, o respeito pelo ambiente e pela vida, o respeito pelo *outro*. Quem quer que ele seja... Faz falta a muitos políticos, professores e



Vieira da Silva, "Biblioteca", 1951.

tecnocratas terem uma formação humanista. Quando perguntaram ao então Cardeal Patriarca, D. José Policarpo, o que pensava da invasão do Iraque, ele respondeu metaforicamente: – “Um pontapé num vespeiro...”

Numa época dominada pela tecnocracia faz falta o espírito humanista, que descubra o que se repete e o que se não repete na História – porque em última análise a História é irrepetível e imprevisível. O carácter humano é disponível perante o futuro: adapta-se e estuda. O número e a estatística que desumanizam e apagam o caso, a economia que prevalece sobre a cultura, a política ideológica que domina sobre a política, entendida como bem comum – eis um conjunto de factores que também afecta a formação universitária. O Homem, na sua unicidade, deixa de ser tido em conta, para se diluir nos grandes indicadores. O colectivo, a fórmula, a medida genérica abafaram a liberdade e a unicidade individual. A fábula do 202 de Jacinto de *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, abandonado e inerte debaixo de lonas, vai repetir-se. A Era da Mecânica foi o primeiro mito da era da tecnologia, exigindo no fim de século XIX novas soluções para a felicidade. Hoje não são rodas dentadas e mecanismos, são funções digitais, comandos e comunicações à distância de um “tele-homem” todo poderoso, mas nem sempre humanizado. Talvez o espírito universitário, que é universal na sua busca de verdade, possa contribuir para a construção de um mundo melhor, evitando os abismos que o ameaçam. A ciência é *positivamente*

apátrida e ecuménica. O Homem vale mais do que a tecnologia, que deve estar ao seu serviço enquadrada em valores.

A Universidade deve estar atenta ao bom, ao belo e ao único: à exigência de qualidade, à admiração do belo, seja num quadro, numa melodia, num poema, no próprio uso e desfrute da linguagem. O culto da comunicação escrita tem-se perdido muito com o *on line*.

A Universidade é o lugar da aplicação do espírito, que é afinal o que significa etimologicamente *studium*. É o lugar da procura e da transmissão do saber, inclusive da transmissão do próprio espírito de pesquisa. É o lugar do saber penúltimo, disse Max Planck. É o lugar da teorização e da fé na própria teorização, como salientaram Einstein e Leopold Infeld. Sem fé na ciência, não há ciência, sem ciência não há universidade.

Temo que as universidades sejam encaradas como simples “produtoras” de graus académicos para aumentar a empregabilidade; temo que se perca a noção do valor da escrita pessoal e do espírito crítico, temo que o servilismo da aprendizagem *on line* abafe a curiosidade intelectual em favor da mera informação; temo que a universidade se banalize ao ponto de se perder a sua função de fermento intelectual. Então é que se poderia dizer que se perdeu o espírito universitário. ■



Tapeçaria da Manufatura de Tapetes de Portalegre: “World Music II”, a partir de um cartão de Tom Philips.

# HOMENAGEM AO PADRE BACELAR E OLIVEIRA no centenário do seu nascimento

## Homenagem ao 1.º Reitor da Universidade Católica Portuguesa, Padre José do Patrocínio Bacelar e Oliveira,

(A1/Auditório Padre Bacelar e Oliveira, 18/10/2016 – 13h)

Maria da Glória Dias Garcia

Nascido em Cervães, Vila Verde, a 18 de Outubro de 1916, o Padre José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, 1.º Reitor da Universidade Católica Portuguesa, é uma das personalidades mais marcantes desta instituição. Trazê-lo à flor viva da memória, honrando-o, em jeito simples de homenagem sentida e gratíssima, hoje, precisamente hoje, data do centenário do seu nascimento, é um dever, de razão e coração, em que a Universidade Católica Portuguesa também se honra, cumprindo-o.

O Padre José Bacelar e Oliveira foi – e peço de empréstimo as palavras do Senhor D. António Montes, Bispo Emérito de Bragança-Miranda, seu amigo de sempre – o «construtor» da Universidade Católica Portuguesa... «*uma das instituições mais relevantes erigidas pela Igreja em Portugal no século XX*». Na verdade, sem a inteligência, a visão ampliada e de futuro, a sábia mistura de prudência e criatividade do Reitor José Bacelar e Oliveira não teria sido possível dar corpo a uma ideia de universidade como a nossa, a uma instituição de ensino superior com autenticidade católica, única em termos nacionais, conferindo-lhe aquilo a que, no seu discurso de despedida, apelidou «*alma comunitária*». Uma universidade com alma, feita de rostos que luzem a alegria de quem percorre um caminho de missão.

Mas, quem é o Padre José Bacelar e Oliveira, o 1.º Reitor da Universidade Católica Portuguesa? Quase trinta anos após a sua jubilação, muitos dos presentes se interrogarão sobre quem é o homem sob o nome, quem é o homem que assim deixou a obra que todos hoje conhecem e alguns nela se integram?...

Pois bem, começo por lembrar que entrou no noviciado da Companhia de Jesus, na Costa (Guimarães), a 13 de Outubro de 1937 e, nos finais dos anos quarenta, depois de ter sido ordenado sacerdote, começou a leccionar na Faculdade Pontifícia de Filosofia, em Braga, reservada a professores e alunos jesuítas. E se mencionei aquela data precisa, 13 de Outubro de 1937, bem como a leccionação nesta específica faculdade – Faculdade Pontifícia de Filosofia, em Braga – é porque nestas duas realidades encontro a premonição do percurso que viria a ser o seu, já que o Decreto de erecção da Universidade Católica Portuguesa «*Lusitanorum*

*Nobilissima Gens*» é, precisamente, de 13 de Outubro de 1967, e a Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, funcionando em Braga, foi por este Decreto instituída como primeira efectivação da Universidade Católica Portuguesa. Há, no início de responsabilidades de gestão superior desta instituição inaugural, por parte do Padre Bacelar e Oliveira, uma paradoxal ideia de regresso ao futuro, simultaneamente inovadora e tradicional, que o irá acompanhar, fortalecendo-se nela e fortalecendo-a, ao mesmo tempo que espalhando, em redor, gostosos frutos!

Os anos passados na Alemanha, nos anos cinquenta, estudando filosofia em Münster, Köln e Bonn, a docência de filosofia e a investigação em filosofia, colaborando na Revista Portuguesa de Filosofia, o apoio à planificação da *Enciclopédia Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, o exercício do cargo de director da Faculdade de Filosofia em Braga, no âmbito do qual se envolveu no processo de construção da nova sede, deram-lhe mundo, uma teia alargada de saberes e de contactos pessoais, posicionaram-no no lugar de líder, de olhar abrangente e com entrega missionária.

Embora indigitado Vice-Reitor da recém-criada Universidade Católica, em razão do modelo de gestão da época, a capacidade de liderança do Padre Bacelar e Oliveira logo se revelou indiscutível e indiscutida, e a Faculdade de Teologia, construída de raiz, em Lisboa, de imediato conheceu, na abertura oficial das aulas com vista à obtenção de grau, o peso da sua autoridade em Roma.

Com efeito, tendo a hoje designada Congregação para a Educação Católica elevado dúvidas quanto à reunião das condições ideais para o início da leccionação do Curso de Teologia em Lisboa, foi à força argumentativa e negocial do Padre Bacelar, em Roma, que se ficou a dever esse começo experiencial, sintomaticamente, por gratidão e por deferência, coincidente com o 80.º aniversário do Cardeal Cerejeira: 4 de Novembro de 1968. Gestos que ficam, gestos que revelam a invisibilidade das coisas, gestos que são semente.

No final de Novembro desse ano é inaugurada, com pompa e circunstância, a sede da Universidade Católica Portuguesa,

a primeira universidade portuguesa não estatal e a primeira também com um modelo de gestão descentralizado, em razão da pluri-localização da formação ministrada, na presença do Ministro da Educação Nacional e dos Reitores da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa.

Faltava, porém, o diploma legal a oficializar a Universidade Católica Portuguesa. Por ele o Padre José Bacelar e Oliveira denodadamente se bateu três longos e árduos anos, em corredores burocráticos, inesperadas esquinas, gabinetes ministeriais, curvas e recurvas de um interminável processo político e administrativo que culminaria com o Decreto-Lei n.º 307/71, de 15 de Julho, sendo Presidente do Conselho de Ministros o Professor Marcelo Caetano. Ao longo do processo, contou com a preciosa ajuda, entre muitos, dos Professores Guilherme Braga da Cruz, cujo centenário de nascimento foi também na passada semana celebrado, e Afonso Rodrigues Queiró, ambos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; mas a condução inteligente, persistente, paciente, desse processo desgastante, intermitente, oscilante ao Padre José Bacelar e Oliveira se deve.

Com o Decreto-Lei n.º 307/71, à Universidade Católica Portuguesa não só foi reconhecida capacidade para atribuir os graus de bacharel, licenciado e doutor como ainda viu os correspondentes títulos e diplomas equiparados às restantes universidades portuguesas. A pertinácia do Padre Bacelar e Oliveira foi, de novo, bem-sucedida!

Mas, o Padre Bacelar e Oliveira sabia que para granjear reconhecimento de qualidade junto da sociedade em geral, tinha de diversificar os saberes a leccionar pela Universidade. Para esse empreendimento dirigiu vontade, energia, competência. A Faculdade de Ciências Humanas, a terceira a integrar a Universidade Católica, viria a ser criada em 1972, e abriu com chave de ouro, já que deu início a um curso então pioneiro em Portugal, na área da gestão, o Curso de Ciências Empresariais.

Entretanto, no plano da política interna portuguesa, o Padre Bacelar e Oliveira foi chamado a fazer parte da Junta Nacional de Educação, pelo que a Universidade Católica Portuguesa passou a ser, por seu intermédio, uma voz ouvida na definição da política educativa em Portugal.

Por sua vez, em Outubro de 1972, a Congregação da Educação Católica nomeou o Padre José Bacelar e Oliveira Reitor da Universidade Católica Portuguesa. Tinha findado o período de provisoriedade e iniciava-se o da maturidade desta Universidade.

Nessa luta pela maior consolidação institucional, a criatividade desponta com a modelação dos estatutos e, em particular, com a introdução de um órgão estatutário inovador no sistema universitário português, pela composição multifacetada, pela competência última em termos institucionais, pela presidência, enquanto órgão colegial: o Conselho Superior. Uma criatividade igualmente presente no emblema da Universidade Católica Portuguesa, construído a partir de um desenho de Leonardo da Vinci, sugestivo pela simplicidade e, simultaneamente, inspirador – uma figura humana de braços abertos, com as letras gregas *alpha* e *omega* de cada um dos lados e atravessada pela divisa latina *Veritati*.

Nesta fase de consolidação institucional, tem lugar a Revolução do 25 de Abril de 1974. Os tempos que se lhe seguiram mostraram, de novo, a mestria da acção do Padre Bacelar e Oliveira na percepção das oportunidades para criar cursos, para escolher colaboradores, docentes, para acentuar o prestígio da Universidade, com discrição, eficiência, determinação.

No ano lectivo de 1974/75, na Faculdade de Ciências Humanas, o Curso de Ciências Empresariais é desdobrado, dando origem, de um lado, ao Curso de Administração e Gestão de Empresas e, de outro, ao Curso de Economia. No ano seguinte, em 1975/76 nasce, na Faculdade de Teologia, o Curso de Ciências Religiosas e, em 1976/77, é a vez do Curso de Direito se iniciar, no âmbito da Faculdade de Ciências Humanas.

Em 1978, o curso de Direito passa a ser leccionado também no Porto, na Torre da Marca, e a Universidade Católica ganha acrescido fôlego, diversificando-se territorialmente.

No ano anterior, em 1977, tinha sido a Filosofia que, a partir da Faculdade de Filosofia, em Braga, abria em Lisboa uma secção, ao mesmo tempo que, em Braga, o Seminário Conciliar recebia o estatuto de filiação na Faculdade de Teologia, em Lisboa, passando a designar-se Instituto Superior de Teologia de Braga.

Os anos oitenta chegam e, com eles, a presença da Universidade Católica Portuguesa em Viseu, através de uma Secção da Faculdade de Filosofia de Braga, o que permitiu a criação do Curso de Humanidades, em 1980, e a criação da Faculdade de Letras.

Três anos mais tarde, em 1983, é a vez de, no Porto, agora na Asprela, nascer a Escola Superior de Biotecnologia com o Curso de Engenharia Alimentar, o primeiro em Portugal.

Por outro lado, em Viseu é criado, em 1985, o Curso de Gestão e Desenvolvimento Social, no âmbito do novíssimo Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social. E, no ano seguinte, em 1986, no Porto, o Curso de Direito passa a ser leccionado no actual Campus da Foz e, em 1987, também no Campus da Foz, não só se inicia o Curso de Teologia como ainda o Curso de Administração e Gestão de Empresas.

Os Professores Mário Pinto, em Lisboa, e Francisco Carvalho Guerra, no Porto, o Monsenhor Celso Tavares da Silva, o à época Bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva, e o Presidente da Câmara de Viseu, Eng.º Manuel Engrácia Carrilho, foram personalidades decisivas para o desenvolvimento do projecto académico universitário católico em Portugal durante os mandatos de Reitor Bacelar e Oliveira. Mas sem lhes retirar o brilho do mérito, manda a verdade que se registre que sem a confiança neles depositada pelo Padre Bacelar e Oliveira, aliada à sua acção visionária, inteligente e agregadora, à sua autoridade firme e discreta, a Universidade Católica não teria a estrutura que hoje tem, com o património obtido e construído para nele caber o projecto académico, multifacetado e plurilocalizado, enunciado, e legado, vinte anos depois de iniciar funções, ao 2.º Reitor da Universidade Católica Portuguesa, D. José da Cruz Policarpo. Um projecto já integrado na rede da Federação das Universidades Católicas Internacionais (FIUC), dotado de uma

inovadora Sociedade Científica, nascida em 1980, e que, em 1982, de alma cheia, recebeu João Paulo II, visita sabiamente colocada no roteiro da inesquecível viagem do Papa a Portugal.

A obra confunde-se com o homem que por ela lutou sem tréguas.

O Padre José Bacelar e Oliveira pôs ao serviço da Universidade Católica os seus múltiplos dons: de negociador, de estratega, de líder; falava, para além do português, o espanhol, o alemão, o italiano e aprofundou o estudo do inglês para melhor cumprir a sua missão, desde logo na procura de patrocínios nos Estados Unidos; não enfeitava tarefas hoje ditas menores, se necessárias ao todo; percorria, solitário, à noite, os corredores silenciosos, vigiando, e nem o inexorável percurso do tempo lhe conseguiu retirar do corpo a imagem de fortaleza.

E, nas voltas de um acaso que só Deus sabe tecer, a sua vida cruza-se de novo com a Universidade Católica, quando deixa as funções máximas da gestão universitária, precisamente no dia do aniversário desta, coincidente com a sua entrada para o noviciado da Companhia de Jesus: 13 de Outubro.

Este «*rememorar louvando*», tão ao modo de Santo Agostinho, nas suas «*Confissões*», citado pelo Padre José Bacelar e Oliveira no discurso com que se despediu das lides reitorais, que procurei

fosse, na singeleza deslustrada da síntese, testemunho impressionante de gratidão, é também razão de uma homenagem, em forma de obra de arte, da autoria do escultor Manuel Rosa, e da atribuição do nome do Padre José Bacelar e Oliveira ao auditório junto do qual nos encontramos e que, na sua versão primeira, tantas vezes foi palco de acontecimentos felizes sob a sua presidência.

Meio de expressar o belo e nos aproximar de Quem tudo pode e a Quem tudo nós devemos, a arte e, em concreto, a escultura, foi a forma escolhida para, a partir de agora, ter presente, de modo corpóreo, na nossa Universidade, a pessoa que para nós é o Padre Bacelar e Oliveira.

Bem-haja, Mestre Manuel Rosa, pela feliz representação da ideia de «*construtor*» da Universidade Católica Portuguesa, que tão bem se adapta ao nosso homenageado, e bem-haja Professor Tolentino Mendonça, nosso Vice-Reitor, por ter conseguido, buscando num pensamento belíssimo de S. Paulo, retirado da Carta aos Filipenses, que a força inspiradora do nosso homenageado tenha presença nesta obra escultórica: «*Tudo o que é verdadeiro e puro, tudo o que é justo e nobre, tende em vossa mente!*» ■

## Testemunho sobre o P. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, s.j.

na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 18.10.2016

*Manuel Morujão, s.j.*

Felicitos a Universidade Católica Portuguesa (UCP), na pessoa da sua Reitora, pela iniciativa desta homenagem ao grande artífice desta instituição que honra tanto a Igreja como o mundo cultural da nossa Pátria. O Padre Bacelar foi, em grande parte, o pai que deu vida e fez crescer a Universidade Católica Portuguesa, academicamente maior e adulta. Pessoas e instituições sem memória não são inteligentes. Alegro-me com este ato de inteligência universitária, fazendo memória do Padre Bacelar, no centenário do seu nascimento.

As minhas palavras, que são um testemunho pessoal, são ditas em representação da Companhia de Jesus, de quem ele foi ilustre membro, por incumbência do nosso Superior Provincial, o P. José Frazão Correia, impossibilitado de estar presente, dado que se encontra em Roma a participar na nossa Congregação Geral.

Embora de gerações etárias bastante diferentes, posso dizer que conheci bem o Reitor Magnífico da Universidade Católica Portuguesa; perdão, o nosso querido Padre Bacelar. Foi meu Superior, Professor e Diretor da Faculdade de Filosofia, quando estudava em Braga. Acompanhei de perto os seus trabalhos como Reitor da Universidade Católica, sobretudo quando me coube ser Provincial dos Jesuítas e, por inerência do cargo, membro do Conselho Superior da UCP. Tive a graça de conviver com

ele, debaixo do mesmo teto, na Comunidade dos Jesuítas da Faculdade de Filosofia, em Braga, nos seus últimos 6 anos de vida. Incontáveis vezes comemos à mesma mesa, concelebrámos a Eucaristia, rezámos juntos e repetidamente pusemos a conversa em dia.

Apresento alguns traços do seu quadro de vida. Breves pinceladas de cores vivas sobre uma vida de profunda riqueza.

O P. Bacelar era um homem de vistas largas, que via para além do presente, que intuía o futuro. E isto aliado a uma forte coragem e perseverança. Por isso, na prática, foi o motor essencial que pôs em andamento eficaz a ideia da Universidade Católica Portuguesa. Seu primeiro Reitor, de 1968 a 1988, com mandatos sucessivamente renovados, deu-lhe rápido e qualificado crescimento, reconhecido prestígio e expansão por diversas cidades de Portugal e mesmo projecção internacional.

Intellectual de renome, pessoa altamente prestigiada no mundo da cultura, em tudo o que fez se mostrou como um homem de Igreja. Tinha a arte de saber «sentir com a Igreja». O que o *fazia correr* era a causa da «maior glória de Deus» e do «maior serviço do próximo». Uma figura que encarnava tipicamente o «mais» da espiritualidade de S. Inácio, que esta frase latina resume: «*Non coerceri a maximo, sed contineri a*

minimo divinum est». *É divino não ser coartado pelo máximo, mas caber no mínimo.* Certamente que a história da Igreja em Portugal e mesmo a história da cultura e do ensino universitário, na segunda metade do século XX, não poderão nunca esquecer o seu nome.

Viveu a construir pontes entre o mundo da fé e da cultura. Mundos, por vezes, tão separados e até mesmo de costas voltadas. Ele deu ouvidos e pôs em prática a mensagem do Concílio Vaticano II aos profissionais do pensamento e da ciência: «Tende confiança na fé, essa grande amiga da inteligência». Foi um apóstolo no mundo da cultura, um fiel embaixador dos valores da fé no país do pensamento, em confirmação mútua da identidade de cada um. Era um intelectual que conservou a frescura da piedade e devoção dos seus tempos de infância e juventude.

Cidadão ilustre da *aldeia global*, um autêntico cosmopolita sem fronteiras, viajado pelos cinco continentes, sabendo falar sete línguas, tendo que frequentar os salões dos grandes do mundo, foi também um homem de grande simplicidade, que gostava das suas raízes no Minho rural, das devoções populares e das tradições da sua terra natal, Cervães (Vila Verde, Braga), particular devoto de Nossa Senhora do Bom Despacho, amigo de seus familiares e do povo simples da sua terra. As grandezas não lhe subiram à cabeça, mas antes evangelicamente deixou que os simples entrassem no seu coração. Recordo-me, por exemplo, do pormenor de delicadeza dos bolos que costumava encomendar numa pastelaria típica de Braga, para oferecer a seus mais diretos colaboradores na Reitoria da Universidade Católica.

Era um homem liberto e desprendido da materialidade do dinheiro, do mundo do ter. Apresentava contas com minúcia transparente e tinha um estilo de vida simples, sem se agarrar à importância dos cargos. Recordo-me que quem lhe sucedeu como Reitor da UCP, D. José Policarpo, nessa altura Bispo Auxiliar de Lisboa, na homília da Missa Exequial, já Cardeal Patriarca, dava o seu testemunho: «nunca encontrei um homem tão desprendido e pobre».

O P. Bacelar era um homem de grandes perspectivas e horizontes, capaz de sínteses e mundividências de grande rasgo. Para ele as dificuldades e problemas não eram becos sem saída, mas desafios de mais e melhor. Homem de pensamento e arquiteto de iniciativas, ao mesmo tempo, tinha um coração em que eram naturais os gestos simples de delicadeza e ternura. Isto se verificou mesmo nos últimos anos, quando a sua saúde já estava estruturalmente limitada. Os nossos serviços irrelevantes, as nossas mais elementares delicadezas eram correspondidas com reiterados e sentidos agradecimentos. Foram estas as últimas palavras que consegui ouvir dele, repetidas sucessivamente, quando o tentávamos levantar do chão, por causa de um assomo de trombose cerebral: «Agradeço muito a vossa caridade».

De certeza que o nosso Deus, de suma boa memória, lhe agradecerá, por toda a eternidade, tanto e tão intenso bem que fez na terra. Também de certeza que ele intercede pela sua Igreja de Cristo, pela sua Companhia de Jesus, pela sua Universidade Católica, grato pela homenagem que lhe prestamos e que ele, com a verdade da humildade, endossa ao nosso Deus, que não se cansa de fazer maravilhas. ■

## Evocação do Prof. Doutor Bacelar e Oliveira, s.j. – No centenário do seu nascimento –

*José Luís Costa Pinto, s.j.*

Há personalidades que marcaram tão decisiva e indelevelmente uma instituição que evocar a sua memória se transforma obrigatoriamente em fonte inspiradora da construção do futuro e em exigência, sempre renovada, de compromisso conjunto na resposta aos novos e aliantes desafios que nos são colocados em cada hoje da história humana. É, pois, num horizonte prospetivo de novos possíveis que nos situamos na comemoração, isto é, memória conjunta, do Prof. Bacelar e Oliveira no centenário do seu nascimento.

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira nasceu em Cervães, concelho de Vila Verde, em 18 de outubro de 1916. Após frequentar os Seminários de Braga (1927-1937), ingressou na Companhia de Jesus, em 13 de outubro de 1937, no antigo convento dos Jerónimos de Santa Marinha da Costa (Guimarães). Aqui fez os dois anos de noviciado, seguidos de dois anos de Humanidades. Em 1941, transferiu-se para Braga onde, durante três anos, estudou Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Beato Miguel de

Carvalho que seria elevado, em 1947, a Faculdade Pontifícia de Filosofia, a partir da qual, pelo decreto *Lusitanorum nobilissima gens*, de 13 de outubro de 1967, teve início a Universidade Católica Portuguesa. Licenciou-se em Filosofia, em Madrid (1944), com a tese *Esboço de um Panorama Filosófico Português, no Período Clássico*. Entre 1944 e 1947, estudou Teologia, em Granada, onde se licenciou com a tese *Personalidade e união hipostática na Teologia do Verbo Encarnado*. Também em Granada foi ordenado sacerdote em 15 de julho de 1946. De 1947 a 1949 frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), onde obteve o doutoramento em Filosofia, em 24 de outubro de 1949, com a tese *O homem como antinomia e harmonia, na concepção de S. Tomás de Aquino*. Em 1950, foi para a Alemanha onde completou a formação jesuítica e, no ano seguinte, frequentou diversos seminários de filosofia nas Universidades de Colónia e Bona. Neste mesmo ano, iniciou a docência na Faculdade de Filosofia de Braga que viria a prolongar-se até 1968. Durante estes anos lecionou Epistemologia,

Gnosiologia, Lógica e Questões de Antropologia e participou em diversos congressos no estrangeiro e em Portugal. É justo relevar o papel decisivo que teve na conceção e realização do 1.º Congresso Nacional de Filosofia realizado em Braga, em 1955, e do qual foi Secretário-Geral. Em 1956 voltou à Alemanha onde, como bolsheiro da Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD), participou em Friburgo no estágio de especialização sobre Antropologia Filosófica e Metafísica Contemporânea. Em 1957 ascendeu à categoria de Professor Ordinário (Catedrático) da Faculdade de Filosofia de Braga. Durante o tempo de docência, o Prof. Bacelar e Oliveira manteve estreito e frequente contacto, pessoal e institucional, com a *Görres-Gesellschaft*, prestigiada Sociedade Cultural alemã, fundada em 1876, dissolvida pelos Nazis, em 1941 e refundada em 1948, em Colónia, e que viria a ser fonte inspiradora para a criação da Sociedade Científica da UCP. Da ligação afetiva que o Prof. Bacelar e Oliveira estabeleceu com a *Görres-Gesellschaft* são testemunhas as nove notas publicadas na *Revista Portuguesa de Filosofia*, entre os anos 1952 e 1966<sup>1</sup>.

Em 1962, foi nomeado Diretor da mesma Faculdade, cargo que ocupou até 1968. Neste período, para além da atividade docente, diretiva e de investigação, o Prof. Bacelar e Oliveira dedicou-se, com grande entusiasmo e tenacidade, à construção dum novo edifício, hoje conhecido como “edifício de 1967”, destinado sobretudo à instalação da biblioteca. Para tal empreendimento, mobilizou os jovens estudantes jesuítas que constituíram “o Secretariado das obras”. Diariamente eram expedidas largas centenas de cartas para os cinco continentes, dando conta desta iniciativa e solicitando ofertas. Também a sociedade civil bracarense foi envolvida neste projeto e desafiada na sua generosidade. O Prof. Bacelar e Oliveira desdobrava-se em contactos, sobretudo no estrangeiro, para angariação de fundos. Foram anos inesquecíveis de dedicação diária e de trabalho persistente e apaixonante que culminaram com a inauguração solene do edifício, no dia 1 de novembro de 1967 e, simultaneamente, através da leitura do Decreto *Lusitanorum nobilissima gens*, a Faculdade de Filosofia “era instituída perpetuamente, para glória de Deus Todo-Poderoso e para honra e incremento da Santa Igreja Católica, como primeira efectuação da Universidade Católica Portuguesa”. Nestes atos solenes estiveram presentes inúmeras autoridades religiosas, civis e académicas, entre as quais D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que presidiu, o Pró-Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, Cardeal D. Gabriel Maria Garrone, representante do Prepósito Geral da Companhia de Jesus, P. Paolo Dezza, S.J., Ministros da Educação Nacional e do Ultramar, respetivamente, Profs. Doutores Galvão Teles e Silva Cunha, e muitos académicos das diversas universidades portuguesas e ainda das universidades de Paris, Bordéus, Granada, Barcelona, Comillas e Madrid<sup>2</sup>. Estes atos

inaugurais tinham sido precedidos pela Assembleia Internacional de Estudos Filosóficos, subordinada ao tema *O Homem como Pessoa. Problemática da sua dimensão metafísica, religiosa, histórica e social* que congregou, durante três dias, distintos académicos nacionais e estrangeiros e considerável número de participantes<sup>3</sup>.

Em 1968, foi nomeado Vice-Reitor da Universidade Católica, em exercício de Reitor e, quatro anos mais tarde, Reitor da Universidade Católica, cargo que exerceu durante quatro mandatos sucessivos, até 1988. O Prof. Bacelar e Oliveira entregou-se apaixonadamente a esta missão. A Universidade Católica era, de facto, a sua “menina dos olhos” que reluziam felizes sempre que alguém dela lhe falava. A sua ação, sempre marcada por uma ampla visão de futuro, desenvolveu-se em várias frentes: construção de novos edifícios, nomeadamente a Biblioteca Universitária João Paulo II; criação de estruturas funcionais e científicas indispensáveis à vida da Universidade, tais como, o Conselho Superior, a Comissão Episcopal, a Comissão de Gestão Financeira e a Sociedade Científica da UCP, fundada em 1980 e de que foi o primeiro Presidente da Direção; expansão da Universidade Católica aquém e além-fronteiras, concretizada na abertura de novos Cursos, na presença da Universidade Católica nas cidades do Porto e de Viseu, na criação do Instituto Interuniversitário de Macau, na participação em múltiplas reuniões de Reitores e representantes das Universidades Católicas do mundo inteiro. A marca indelével que o Prof. Bacelar e Oliveira deixou na Universidade Católica foi reconhecida pela Santa Sé que, ao deixar o cargo de Reitor, o nomeou Reitor Honorário da UCP. As palavras confidenciais ao então Magno Chanceler da UCP, D. António Ribeiro, em carta que lhe enviou ao deixar o cargo de Reitor, e tornadas públicas pelo Prof. Roque Cabral num texto de testemunho<sup>4</sup>, atestam a radicalidade alegre e afetuosa com que o Prof. Bacelar e Oliveira viveu a sua missão: “Dediquei-me a uma obra, apaixonei-me por ela, cheguei a oferecer a Deus a minha vida por ela (creio ser a primeira vez que o digo) para que fosse possível, servi-a com limites, e professo, seja em Lisboa seja em Braga, seja como Professor seja como incumbido de outras tarefas, servi-la até onde puder e me for mandado. Costumo renovar a minha profissão religiosa acrescentando ‘profiteor servitium in Universitate Catholica Lusitana’. Na fórmula está ‘serviço em missões do Romano Pontífice’. Esta é uma delas”. A forte paixão pela Universidade Católica perdurou até ao fim da vida. Recordo, com emoção que, nos últimos tempos, já muito debilitado por uma doença que lhe afetou progressivamente as capacidades cognitivas, com frequência era encontrado, na portaria da comunidade dos jesuítas da Faculdade de Filosofia, onde viveu os últimos dez anos, com uma pequena mala na

<sup>1</sup> Cf. *RPF* 8 (1952), 79-82; *RPF* 10 (1954), 87-88; *RPF* 11 (1955), 89-90; *RPF* 12 (1956), 98; *RPF* 13 (1957), 192-195; *RPF* 14 (1958), 195-196; *RPF* 15 (1959), 185-186; *RPF* 17 (1961), 89-92; *RPF* 22 (1966), 175-177.

<sup>2</sup> O relato pormenorizado destes atos inaugurais encontra-se em *RPF* XXIV (1968), 9-15.

<sup>3</sup> O programa detalhado desta Assembleia Internacional encontra-se em *RPF* XXIV (1968), 16-20.

<sup>4</sup> Cf. CABRAL, Roque – “P. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira. Enquadramento biográfico – evocação da pessoa”. In: Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Coord.) – *Padre José Bacelar e Oliveira, S.J. A Força das Origens*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016, p. 110.

mão, respondendo invariavelmente a quem o interrogava: “Vou a Lisboa, à Universidade Católica”.

Se até agora relevámos o traço empreendedor do Prof. Bacelar e Oliveira que configurou tanto a Faculdade de Filosofia como a Universidade Católica, importa não silenciar o académico, quer a nível da docência, quer a nível da produção científica. No que à docência diz respeito, as suas aulas não se fundavam numa razão discursiva “*more geometrico*”, conduzindo os alunos linearmente a dogmatismos inquestionáveis ou à tranquilidade da posse da verdade. Ecoavam, antes, uma razão aberta, projetiva, irrequieta e – direi mesmo – indisciplinada que avançava como que em círculos concêntricos que se alargavam indefinidamente e se perdiam no infinito do horizonte. A certeza dava lugar à sugerência que incentivava os alunos à busca inquieta e insaciável da verdade. Quantas vezes, no final das aulas, habitava nos alunos um misto de confusão e fascínio que lentamente se transformava em descoberta do sabor que leva à sabedoria, o autêntico nome da filosofia. Quanto à produção científica, ela soma algumas dezenas de títulos relativos a comunicações em Congressos, publicadas nas respetivas Atas, e a artigos e notas, publicados na *Revista Portuguesa de Filosofia* e situa-se, prevalentemente, entre 1954 e 1967. De facto, a missão que foi chamado a desempenhar junto da Universidade Católica, a partir de 1968, não lhe permitiu a necessária disponibilidade para prosseguir a reflexão filosófica. Mas, como justamente recorda Lúcio Craveiro da Silva, “o espírito inteligente, diplomático e com certo ar de navegador aventureiro, segundo a antiga tradição portuguesa, do P. Bacelar e Oliveira, se foi impedido de construir a sua obra filosófica como desejava e o seu talento augurava, (...) deixou a sua melhor obra conseguida que é a Universidade Católica Portuguesa, com as suas Faculdades florescentes e a Sociedade Científica destinada à investigação universitária”<sup>5</sup>. Os principais escritos – quinze no total, dos quais treze se encontram publicados na *Revista Portuguesa de Filosofia* – foram reunidos num volume intitulado *Estudos de Metafísica e Ontologia. Perspectivas de um horizonte filosófico* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda), publicado em 2003.

Da leitura destes estudos, facilmente se depreende que a investigação filosófica do Prof. Bacelar e Oliveira se centrou fundamentalmente em dois domínios: a *Antropologia Filosófica* e a *Crítica*. Os estudos de cariz antropológico trazem à luz do dia algumas páginas da sua tese de doutoramento que permanece inédita e, por isso, aparecem significativamente no início da sua vida docente – o primeiro artigo intitula-se “*No horizonte da eternidade e do tempo – Antinomia da duração humana*”, publicado em 1950 – e no final – o último artigo publicado tem como título “*O homem como ser para a verdade, segundo S. Tomás de Aquino*”, publicado em 1965.

A *conceção antropológica* de Bacelar e Oliveira move-se num paradigma ontológico de sabor dualista cuja configuração última

e determinante é a harmonia. O homem é interpretado como “Ser-nos-Confins” de corpo e alma, matéria e espírito, tempo e eternidade, mundanidade e transcendência, “arquitectado pelo consórcio do limiar das Inteligências com o ápice dos Sentidos”, o qual, no dualismo pujante dos conflitos da sua estrutura harmónica, terá que desenvolver, durativamente, a existência “no horizonte da Eternidade e do Tempo” (cf. p. 198). “Confim” e “Horizonte” constituem-se, assim, “como símbolos racionais de interpretação humana” (p. 198), tal como acontecia na tradição neoplatónica, e iluminam quer a “concórdia ingénita entre o Espírito (fonte de Unidade) e a Matéria (base da Multiplicidade) no seio de um único ser” (p. 241), quer “a conciliação da mundanidade (ou ser-para-a-morte) com a transcendência (ou ser-apesar-da-morte)” (p. 241). Esta mediação cósmica, faz resplandecer “a magnífica função harmónica do Espírito Humano” (p. 241). Na análise sobre a estrutura confinal do homem, Bacelar e Oliveira releva particularmente o binómio corpo-espírito. Embora a sua reflexão se situe inequivocamente no referencial da teoria hilemórfica, consistentemente elaborada pelo Doutor Angélico, não podemos deixar de lhe reconhecer rasgos de estimulante originalidade. Neste contexto, o homem revela-se como síntese de dois *confins*: “No mundo inferior o vértice do Múltiplo – organizado em corpo humano – pede a Inteligência como satisfação suprema para a sua capacidade de Unidade. Do mundo superior, uma Ideia – Alma – inclina-se apaixonadamente sobre o universo do múltiplo para dar forma às suas aspirações de Harmonia” (p. 267). Assim, “O homem, reunindo na sua dupla substancialidade o Espírito e a Carne, realiza o genuíno vínculo ôntico da Participação, constituído em fronteira metafísica do Universo” (p. 267).

É, sem dúvida, no domínio da *Crítica* que o pensamento do Prof. Bacelar e Oliveira revela uma notável originalidade. Os principais tratados que, à época, gozavam de maior autoridade, tinham como preocupação comum responder à posição kantiana assumida na *Crítica da Razão Pura*. Neste contexto, a *Crítica* ou constituía “*a segunda parte da Lógica*”, cabendo-lhe explicar e demonstrar a existência do conhecimento humano verdadeiro e certo, bem como as suas fontes e critérios (C. Frick), ou desempenhava uma função eminentemente *apologética* (Donat), ou se apresentava como “*prelúdio da Metafísica*” (L. Naber), ou assumia o rosto de “*Metafísica Fundamental*” (J. de Vries), estabelecendo-se assim a dependência entre a Ontologia e a Noética. Afastando-se destas perspetivas, Bacelar e Oliveira, ao mesmo tempo que baliza a *Crítica* como não podendo conceber-se “nem fora da Metafísica, nem como sua justificação, nem como sua defesa, nem como seu fundamento” (p. 153), propõe-se, desde o primeiro momento da sua investigação, instituir “uma ‘crítica’ pura, cuja natureza seja a de ‘juízo’ simples sobre o ser do conhecimento em si, em posição não preludear de *introdução*, mas de núcleo ontológico *constitutivo* de toda a subsequente explicação noética” (p. 26). A expressão “Crítica Pura” designa uma Crítica “que se ‘exerce’, se explica e ‘assinala’ por si mesma (...) que tem em Acto a perfeita luz da sua Inteligibilidade possuída no

<sup>5</sup> SILVA, Lúcio Craveiro da – “Preliminar”. In: BACELAR E OLIVEIRA, José – *Estudos de Metafísica e Ontologia. Perspectivas de um horizonte filosófico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 10.

maior vigor possível da Unidade” (p. 143). No intuito de melhor configurar esta “Crítica Pura”, Bacelar e Oliveira aduz outras denominações, tais como, *Crítica “transcendental”*, entendendo “transcendental” não em sentido kantiano, mas antes no sentido da escolástica, isto é, “que *abrange tudo na sua simplicidade*” (p. 45), “que abrange em absoluto o campo do Conhecimento” (p. 140), e “*Crítica Substantiva*”, isto é, “pressuposta por todas e que não pressupõe nenhuma” (p. 64).

Tendo Kant como interlocutor privilegiado, Bacelar e Oliveira realça, por mais de uma vez, que “para além da Crítica da Razão Pura situa-se a esfera de uma Crítica Pura” (p. 52) o que implica “chegar à célula operante da própria Crítica”, que a Crítica Pura é “anterior à própria Crítica da Razão Pura” (p. 131). E justifica: “Enquanto esta ‘pressupõe’, embora o não queira, a faculdade de julgar que aplica à Razão, a primeira (a Crítica Pura) vai a essa mesma faculdade de julgar, ao juízo nuclear de todo o conhecimento, juízo de ser, cuja inteligibilidade, a ser acessível, somente o será no próprio juízo de acto de Pensar e, neste, na forma mais simples, primitiva e radical, pronta por isso mesmo a converter-se no cerne de todo o conhecimento intelectual humano. (...) A Crítica tornou-se imanente à Metafísica. Destacou-se esta, por isso mesmo, para uma região superior à da Ontologia, ou seja, à da determinação inteligível do Ser como constituído perante a Inteligência” (pp. 176-177).

Tocamos, aqui, um aspeto de capital importância, no pensamento de Bacelar e Oliveira, que perpassa, mais ou menos explicitamente, todos os seus textos do domínio da Crítica. Refiro-me à relação, de alcance metafísico, entre Crítica e Ontologia. Na sua conceção, “a Crítica não é a purificação propedêutica sobre o problema da *possibilidade* da Metafísica mas sim a forma formante da forma (que a Metafísica nos apresenta como) formada: o Ser participialmente tomado em exercício do acto de Juízo na Inteligência Humana” (p. 56; cf. p. 105). Esta mesma perspectiva é reforçada, de modo claro e inequívoco, no último artigo dedicado à Crítica: “*no âmbito da Metafísica como ‘ciência primeira’, situam-se duas formalidades que, por exigência absoluta, se implicam em todo o conhecimento, postulando-se uma à outra como o explícito ao implícito, e considerando-se em razões inversas a modo de princípios transcendentalmente correlacionados. A Ciência Metafísica exprime na Ontologia a sua obra como resultante da Afirmação de Ser. Se porém nessa Metafísica como Primeira Filosofia for ‘separada’ a forma intrinsecamente constituinte da perfeita racionalidade que na expressão ontológica se condensa, e tomada pelo aspeto mais ‘radical’ e ‘transcendente’, desprende-se então a Crítica cuja razão própria não é a do ‘Ser-Afirmado’ mas a da ‘Afirmabilidade do Ser-come-Ser’*” (p. 59; cf. pp. 138 e 153).

Assim na Crítica Pura, concebida como “*regida pelo supremo grau de Unidade*”; e isto, respectivamente, no Objecto Formal, no Acto em que se executa e na Faculdade do Sujeito” (p. 131), Crítica e Ontologia são companheiras inseparáveis e originantes duma viagem de alcance metafísico...

Foi pena que as diversas missões diretivas que foi chamado a exercer, primeiro na Faculdade de Filosofia e, posteriormente, na

Universidade Católica, não lhe tivessem possibilitado o tempo e a serenidade requeridos para a prossecução do seu labor filosófico, marcado por estimulante originalidade e vigorosa profundidade, especialmente no domínio da Crítica.

Não quero esquecer o contributo impulsionador que deu à *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* e à *Enciclopédia Logos*, das quais foi codiretor e dedicado colaborador.

Este percurso evocativo do Prof. Bacelar e Oliveira pode sintetizar-se no testemunho que um amigo comum, o Prof. Pereira Borges, deixou na *Revista Portuguesa de Filosofia*, no tomo publicado em sua homenagem, em 1994: “O Professor Bacelar e Oliveira foi um Filósofo, um Universitário em acção. Mestre na arte de Saber e na arte de Saber-Fazer. Foi perito na arte de Saber-Conciliar vontades: pela sua singeleza fidalga; pela sua perspicácia observadora; pela sua bondade. Soube sempre ser modesto e discreto; soube sempre ir à frente no trabalho árduo e difícil; soube sempre ficar na retaguarda no momento de subir ao podium das honras e das glórias. Confiou sempre mais em Deus do que em si próprio”<sup>6</sup>.

Antes de terminar, gostaria de fazer uma breve referência ao Prof. Bacelar e Oliveira como homem-jesuíta-sacerdote. O Prof. Bacelar e Oliveira era uma personalidade cativante porque contrastante. A imponência da sua figura física, em vez de esconder, fazia refulgir, admiravelmente, a simplicidade, a delicadeza e o afeto do seu coração que espontaneamente exprimia em palavras, atitudes e gestos. Nele conviviam, harmonicamente, o homem da globalização e o minhoto, o especulativo e o empreendedor, o intelectual e o operativo, atento à história e fiel ao homem, a cátedra e o púlpito, a razão e a fé, a sabedoria e a devoção, numa síntese arrebatadora constantemente referenciada à maior glória de Deus e ao maior serviço ao homem. Por isso, irradiava a mesma alegria e paixão na cátedra universitária, deslumbrando os alunos com as suas especulações metafísicas, ou no púlpito da igreja duma modesta paróquia, partilhando a fé com gente anónima e de pouca cultura; na presidência de sessões solenes, com o traje académico e insígnias doutorais, ou na oração filial diante da imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho, venerada numa capela da sua terra natal e a quem dedicava particular devoção; nas receções oficiais, convivendo com embaixadores e governantes, empresários e académicos e saboreando requintados manjares ou na intimidade do convívio com familiares, companheiros jesuítas e gente humilde da terra, com um copo de vinho verde numa mão e uma sardinha com broa, na outra. Homem-jesuíta-sacerdote de surpreendente humildade, de tenaz persistência, de firme determinação, de espírito vivo, perspicaz e atento, granjeou a admiração de quantos o conheceram e prestigiou a Companhia de Jesus e a Igreja a cujo serviço sempre dedicou o melhor de si, com reconhecida competência, alegria contagiante e amor sem medida, despido de qualquer roupagem calculista.

<sup>6</sup> BORGES, José F. Pereira – “José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, S.J. O universitário. O filósofo” In: *Revista Portuguesa de Filosofia* L (1994), p. 8.

Viveu os últimos dez anos em Braga, na comunidade dos jesuítas da Faculdade de Filosofia da qual foi professor catedrático, facto que fazia questão de recordar frequentemente, com indistigável satisfação. Faleceu, com a serenidade de missão cumprida, em 30 de junho de 1999. As exéquias realizaram-se na Igreja de S. Vicente (Braga) que se encheu completamente de familiares e amigos, companheiros jesuítas e conterrâneos, professores da Universidade Católica e de outras Universidades portuguesas. Presidiu à Eucaristia o Cardeal D. José da Cruz Policarpo, Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da Universidade

Católica Portuguesa. Na homilia, referindo-se ao Prof. Bacelar e Oliveira como o grande obreiro da Universidade Católica, enalteceu a sua qualidade de “homem livre” que “seguia as leis quando lhe dava jeito, mas relativizava-as quando a vida assim o exigia” e para quem “a pobreza pessoal e o desprendimento estavam acima de tudo”<sup>7</sup>. Foi sepultado no cemitério da sua terra natal, onde descansa, na paz dos justos, na esperança da ressurreição. ■

<sup>7</sup> Cf. *Diário do Minho*, 2/7/99, p. 5.

## Apresentação do livro de homenagem ao Padre Bacelar

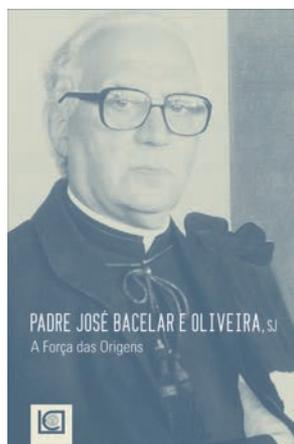
(18-10-2017)

Lúisa Leal de Faria

A Sociedade Científica, em colaboração com a Reitoria da Universidade Católica, homenageou, no dia 18 de Outubro de 2016, a figura do Padre José Bacelar e Oliveira. Entre outras cerimónias, foi lançado o livro preparado pela Sociedade Científica com o título *Padre José Bacelar e Oliveira: a força das origens*, editado pela Universidade Católica Editora.

O volume é constituído por duas partes: “Em primeira pessoa” e “testemunhos”. Os discursos do Padre Bacelar que publicamos na primeira parte não constituem uma selecção dos discursos que anualmente terá proferido no dia da universidade, ao longo dos 20 anos do seu mandato. São os discursos que conseguimos encontrar no arquivo da Reitoria, em fotocópias de originais batidos à máquina por ele, ainda sob a forma de apontamentos. Mas pareceram-nos representativos da sua actividade e, sobretudo, da sua voz: o primeiro data de 1977, e celebra os primeiros dez anos de vida da UCP. Os dois seguintes, de 1986 e 1987, detêm-se sobre as conquistas da UCP nos seus primeiros vinte anos de existência.

O último, de 1988, é o seu discurso de despedida. Neste, faz referência aos seus cadernos de capa preta, de que se lembram bem aqueles que o conheceram. A história dos 20 anos do seu reitorado da UCP – a paixão da sua vida – como escreveu também nesse discurso, está nesses cadernos. Para futuras investigações sobre a história da Universidade Católica é importante lembrar o que diz sobre eles: “Tinha comigo um vasto caderno de capas pretas. Por isso, não sem influxo de navegação aérea, lhe chamo “caixa negra”. É que lhe pertence completar, explanar ou simplesmente vincar os passos da rota diária registada na agenda. Prática a que sou ainda mais fiel que à do exame de consciência. Tudo indecifrável, sem perigo, pois, de inconfidencialidade”. Esses cadernos, na altura “cerca de meia centena”, devem conter apontamentos manuscritos de imenso interesse para a história da Universidade, e para o papel



que nela desempenhou o Padre Bacelar. Talvez um dia venham a ser decodificados.

Neste volume publicamos em primeiro lugar um texto escrito para o primeiro número do Boletim da Sociedade Científica, *Lumen veritatis*, em 1994, em que o Padre Bacelar evoca as origens remotas da Sociedade, inspirada na *Görres Gesellschaft*, e termina com as palavras: “Vale a pena manter a memória e a força das origens, mesmo longínquas e implícitas”. Foi aqui que nos inspirámos para o subtítulo deste livro. Os textos que se seguem neste volume são testemunho dessa força, e ajudam-nos a manter viva essa memória.

Seguem-se, então, os quatro discursos que mencionei. Todos são um contributo de valor inestimável para a história, mas também para o “espírito” ou “alma” da Universidade Católica. Em cada um, o Padre Bacelar narra, passo a passo, cada diligência, cada dificuldade, cada vitória, à medida que a Universidade se foi criando, consolidando, expandindo. É uma história que vamos vendo acontecer, desde logo no significado do emblema da universidade, nos textos que oficializam a criação da Faculdade de Filosofia em Braga, em notas enviadas ao Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, como também nos diplomas institucionais, *Lusitanorum nobilissima gens* de 1967 ou no decreto de 1971 *Humanam Eruditionem*. E nos diplomas legais do estado português, onde insiste na especificidade da Universidade Católica, na sua origem na Concordata de 1940, no facto de ter sido fundada pela própria Santa Sé, e não por uma associação ou organização de Igreja; fala no dispositivo do Decreto-lei 100/B-85 que dá tratamento singular à UCP, ao abrigo do artigo XX da Concordata. É a especificidade da Universidade Católica.

Esta é, ao mesmo tempo, uma história feita por pessoas com ideias e com projecto. Lembra aqueles que decisivamente contribuíram para que a Universidade se fizesse: o Cardeal Patriarca

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, seu “principal fundador”, o Arcebispo Primaz D. Francisco Maria da Silva ou D. Manuel Ferreira Cabral. Lembra, em vários discursos, o “ilustre catedrático da Universidade de Coimbra”, Professor Guilherme Braga da Cruz, “sempre lídimo paladino das instituições de ensino livre, dos seus direitos, dos da Igreja e da Família, em matéria de educação”, sobre quem desenvolve mais considerações no discurso de 1977, lembrando o “Parecer que venceu na JNE a causa do estatuto jurídico civil da UCP, consignado no Decreto-Lei 307/71”; o parecer sobre a Faculdade de Ciências Humanas “elaborado em três semanas exaustivas de trabalho matinal, das 5 às 10 horas”; o Estatuto do Conselho Superior (de que foi membro até à sua morte inesperada) “em fórmula não só aprovada mas louvada pela Congregação da Educação Católica; e o trabalho que tinha em mãos quando morreu – o projecto da organização estatutária da UCP”.

Lembra os Professores Afonso Queiró, Paulo Durão, D. José Policarpo, e outros. Estas figuras, que percorrem os seus discursos, evocam um tempo vivo, de vontade, de esperança e de inteligências. Os leitores não vão encontrar aqui apenas listas de factos, embora também lá estejam e mereçam leitura atentíssima. Os factos são a concretização da ideia da Universidade Católica, inscritos nas circunstâncias do tempo, resultado do esforço e da vontade que têm no seu centro o Padre Bacelar. Em 1977, quando a Universidade celebrava 10 anos, sintetizava essa década como o primeiro passo, cumprido com gradualidade prudente. Mas olhava também as circunstâncias do presente e tomava posição com desassombro, sobretudo relativamente à questão fundamental da liberdade de ensino.

Ousava, então, afirmar: “A UCP e as escolas não estaduais requerem-se como condição absoluta de uma sociedade democrática e pluralista. Sem elas, cairíamos no monopolismo e totalitarismo de Estado... Na Escola Católica visa-se a Escola Livre, ou seja, não estadual. A nacionalização das instituições de ensino é encarada pela Igreja e pela sociedade democrática como paralela à da concentração totalitária dos meios de Comunicação Social, nas mãos do Estado”. Dez anos mais tarde, em 1986, quando a UCP estava à beira cumprir vinte anos, interpelava directamente o Ministro da Educação para citar a resolução do Parlamento Europeu sobre a liberdade de ensino, e em 1987 reafirmava: “... a nossa universidade não pode ser dissociada do conjunto de expressões formativas e informativas de inspiração católica na sociedade portuguesa. Por isso nos preocupam recentes sinais de intolerância, provindos de alguns detentores do poder temporal, relativamente ao pluralismo, à liberdade de informação e ao respeito de direitos oportunamente reconhecidos pelo Estado à Rádio Renascença. O mesmo se diga quanto à liberdade de iniciativa na criação e manutenção de escolas não estatais”.

E vai enumerando os sucessivos alargamentos da Universidade, desde a origem em Braga para a sede em Lisboa, o Porto, Braga novamente, Viseu, Funchal, a criação de novas faculdades, o reconhecimento de novos cursos, designadamente o de Biotecnologia no Porto, o crescimento do número de alunos, o financiamento da universidade. Mas outros aspectos fundamentais para a identidade

da universidade são partilhados com os ouvintes. Avulta, entre eles, o Conselho Superior, supremo órgão hierárquico da UCP, longamente apresentado como singular inovação no contexto de todos os outros aspectos inovadores inerentes ao modelo orgânico da universidade. O facto de a Universidade Católica ter sido a primeira criação de uma Universidade fora do contexto tradicional de Coimbra, Lisboa e Porto, antes das novas universidades, criadas a partir de 1973, o que ampliou o quadro institucional das Universidades Portuguesas dava-lhe particular orgulho. E refere, muitas vezes, a Sociedade Científica, que lhe foi sempre tão cara, como dinamizadora de grandes colóquios realizados em estreita articulação com o próprio “dia da Universidade”.

É à Sociedade Científica que irá dedicar os anos imediatamente a seguir ao termo do seu último mandato como Reitor. Passará a ser esta a sua morada, como indica numa carta de despedida ao CEPCEP que também publicamos. Como ilustração da actividade internacional do padre Bacelar, publicamos o itinerário da sua viagem ao Brasil em 1986, em que o Dr. Duarte Ivo Cruz teve participação fundamental; e publicamos também a última homenagem que a Reitoria da Universidade lhe prestou quando morreu: o postal pagela com o seu magnífico retrato, pintado por Luís Pinto Coelho.

Na segunda parte, “testemunhos”, publicamos um conjunto de textos, escritos por personalidades que conheceram o Padre Bacelar, que registam o seu apreço e o seu afecto por ele e desvendam algumas particularidades do seu carácter, do seu temperamento, da sua personalidade. Estão publicados numa lógica de complementaridade de conteúdos que, sem ser intencional, acaba por corresponder à cronologia da sua entrega. Começam com o texto de 2004 do Dr. Fernando Guedes, publicado no *Lumen Veritatis*, e terminam com o testemunho de D. António Montes Moreira, de Setembro de 2016. Dois textos magníficos, que percorrem várias décadas de vida do Padre Bacelar, escritos com perspicácia, com inteligência, com humor também. E com o imenso afecto de quem o conheceu bem, de quem com ele privou como amigo e como companheiro das batalhas da Universidade Católica. Os factos da vida da universidade são permeados de recordações pessoais, que ilustram nos pequenos gestos privados e nos grandes gestos institucionais a personalidade do Padre Bacelar, o seu modo de ser, a sua relação com os outros. Apetecia-me lembrar alguns dos episódios contados nestes dois textos, por serem particularmente divertidos ou expressivos da sua personalidade. Mas não vou fazê-lo – vou deixar que os textos falem por si aos leitores. Também os textos do Padre Roque Cabral, do Padre Aires do Nascimento, do Professor Germano Marques da Silva, do Dr. Duarte Ivo Cruz contribuem para dar novas achegas a este quadro de referências. Na sua diversidade de expressões têm todos em comum uma coisa: uma admiração e um afecto pelo Padre Bacelar que só uma personalidade excepcional poderia granjear.

Todos, os que escreveram para este volume, os que escreveram à Sociedade Científica lamentando não poderem estar aqui, todos concordam na importância e significado simbólico desta homenagem. Muito obrigada a todos, porque todos a tornaram possível. ■

## A UCP TEM NOVA EQUIPA REITORAL

### Discurso de Tomada de Posse como Reitora da UCP “Da Catedral à Nuvem. Considerações sobre a Universidade no Século XXI”

*Isabel Capelo Gil*

Na ordem das coisas e dos tempos que estruturam o ritmo da universidade, inicia-se hoje um novo ciclo. É um começo que respeita a força das origens, apesar da certeza de que o futuro da universidade assenta num desassossego programático, consciente de que há sempre mais para ensinar, mais para investigar, mais para compreender, mais para empreender. Hoje juntamo-nos perante a academia para assinalar um momento novo.

Na sua origem, o termo grego *akademia* designava um local e uma comunidade: o jardim de Academo, junto a Atenas, onde funcionava a escola de filosofia de Platão, e os participantes desta comunidade de alunos e professores. No seu uso comum nas universidades, academia designa o conjunto dos pares, e a sua tarefa de diálogo, inspeção mútua e avaliação crítica. Hoje, é no local da academia – no Auditório Cardeal Medeiros da Universidade Católica Portuguesa – e perante o escrutínio da comunidade académica, que tem lugar um ato performativo que não se esgota no instante deste novo começo: a investidura da nova Reitoria da UCP.

É certo que o momento é difícil para as universidades, o país e o mundo, mas em instituições fortes, como a Católica, às circunstâncias não será dado o poder de alterar os princípios e as convicções. Sem interrogar as condições e sem trabalhar para a conjuntura, a UCP tem sabido ao longo dos seus quase 50 anos de existência consolidar uma liderança inteligente, focada em áreas específicas de intervenção.

Consciente de que o maior desafio das universidades é o desafio da autonomia, associado necessariamente à afirmação incondicional do seu direito de exercício de uma voz crítica e discordante face aos consensos que limitam a liberdade e restringem a ação da educação e da investigação, a UCP afirma-se, tal como se lê no art. 3.º dos seus estatutos, como comunidade académica que de forma rigorosa e crítica labora para a ‘realização integral’ do ser humano inspirada nos valores do humanismo cristão.

Decidiu S. Eminência Reverendíssima, o Cardeal Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, D. Manuel Clemente, após consulta ao Conselho Superior da Universidade e aos membros da Conferência Episcopal, propor à Congregação para a Educação Católica a minha nomeação como Reitora da UCP. Com profunda humildade e gratidão agradeço a Vossa Eminência e aos senhores Conselheiros, a escolha e a confiança depositada em mim e na nova equipa reitoral para dirigir a UCP durante o próximo quadriénio.

Entendo a gestão da ‘coisa académica’ como serviço a uma causa nobre, comprometida com o desenvolvimento integral das três missões da universidade: ensino, investigação, promoção do

empreendedorismo e relação com o mundo empresarial. Sem a desculpa das circunstâncias, queremos cultivar a oportunidade, honrar a reputação, inspirados por uma ideia de universidade católica, socialmente inclusiva, eticamente responsável, líder de conhecimento, mas sempre atenta às fragilidades do mundo, comprometida afinal com a inscrição expressa no nosso emblema: *Veritati*, que simboliza a confiança no absoluto como verdade última, mas também a centralidade do humano na busca da outra verdade historicamente situada, fruto da investigação e da reflexão críticas, aquela que para a ciência é uma contínua aspiração, não algo que se possui em definitivo.

A equipa reitoral que generosamente aceitou a comigo percorrer este caminho representa justamente a diversidade da missão, unida na exigência da ação e comprometida com o projeto comunitário de articulação dialógica de pessoas, saberes, geografias, que a UCP representa, enquanto universidade de escopo nacional localizada em Lisboa, Braga, Porto e Viseu. Comigo tomam posse como Vice-Reitora para Assuntos Académicos e Educação Global, a Prof.<sup>a</sup> Teresa Lloyd Braga, Doutorada em Economia e Professora da CLSBE, como Vice-Reitor para Assuntos Institucionais, Ética e Cultura, e transitando da equipa cessante, o Prof. José Tolentino de Mendonça, Doutorado em Teologia Bíblica e Professor da Faculdade de Teologia, como Vice-Reitor para Desenvolvimento Estratégico, o Prof. Miguel Athayde Marques, Doutorado em Gestão de Empresas e Professor da CLSBE, como Vice-Reitor para a Investigação, Inovação e Qualidade, o Prof. Luís Gustavo Martins, Doutorado em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores e Professor da Escola das Artes, do Centro Regional do Porto, como Pro-Reitor para Assuntos Jurídicos, o Prof. Fernando Ferreira Pinto, Doutorado em Direito e Professor da Escola de Lisboa da Faculdade de Direito, e como Administradora a Doutora Helena Brissos de Almeida, Professora da CLSBE.



Sucedo no cargo a uma figura insigne da Universidade e do Direito português, a Prof.<sup>a</sup> Maria da Glória Garcia, de cuja equipa tive o privilégio de fazer parte nos últimos quatro anos. Primeira mulher Reitora da UCP, não hesitou em reagir perante as dificuldades e estimulou a universidade a abraçar oportunidades. Trabalhou para desenvolver uma estratégia de diálogo entre saberes, pessoas, unidades académicas. Verdadeiramente inspiradora, motivou pelo exemplo, transformando heroicamente a fragilidade em força. Com ela posso afirmar que se firmou, e que firmei, aquilo que a ensaísta americana Adrienne Rich, num texto singular “Claiming an Education”, chamou ‘uma promessa de mútuo comprometimento no desenvolvimento das potencialidades insuspeitas’ (Rich, 1977:235). Saliento neste agradecimento igualmente o Vice-Reitor para a Qualidade, o Prof. Mário Aroso de Almeida, que agora cessa funções. Testemunho o espírito acutilante, o humor fino, a hábil diplomacia e sobretudo o espírito de missão com que coordenou o modelo de acreditação e qualidade da nossa universidade.

Com a nomeação de uma segunda mulher para dirigir a instituição, a UCP continua num caminho aberto pelo Reitor Manuel Braga da Cruz, em 2000, com a nomeação de investigadoras para a vice-reitoria e as direções de Faculdades. Estilhaça-se de forma exemplar aquilo que alguns têm vindo a chamar ‘o teto de vidro’ no acesso de mulheres aos cargos superiores de gestão.

Mas uma investidura é, afinal, também um ato que invoca uma genealogia, afirma o presente a partir do passado e anuncia o futuro no presente. O que define a universidade e a distingue dos curtos prazos das legislaturas é a sua linha de responsabilidade com o passado e com o futuro. Não se esgota no presente nem nas suas condições. A universidade não se limita ao conhecimento instrumental, o que a define como instituição ímpar é o cultivo de saberes que moldam a experiência de uma vida, de saberes que transmitem a herança de milénios, ao mesmo tempo que abraçam a mudança e modelam o futuro.

Chegámos aqui pela mão visionária do primeiro Reitor, o P.<sup>c</sup> José Bacelar e Oliveira, que soube implantar a universidade, com ‘gradualidade prudente’,<sup>1</sup> em eficaz e cordial colaboração com as universidades do Estado, mas desde logo projetando uma universidade que se quis inovadora no modelo de governança – com a instituição de um Conselho Superior, com capacidade deliberativa que assegurasse a autonomia da universidade; na missão específica de ensino, no traçado da investigação. A inovação da Católica transformou o ensino superior em Portugal. Criou a 1.<sup>a</sup> Licenciatura em Administração e Gestão de Empresas, em 1973; criou mais tarde a primeira Escola Superior de Biotecnologia, no Centro Regional do Porto, em 1981, e deu muitos outros exemplos de inovação ao longo das quase 5 décadas, que completaremos em 2017. No tempo do primeiro Reitor teve ainda origem a inovadora visão internacional, iniciada com a criação de um conjunto de parcerias académicas e institucionais fundacionais com os Estados Unidos, em particular com as universidades na zona do triângulo de conhecimento em Massachusetts, mas também na Europa, sobretudo na Alemanha. Desta

visão inicial, a universidade cresceu do seu cerne de matriz humanista, abrindo-se às ciências exatas e engenharias, com os Reitores José da Cruz Policarpo, e Isidro Alves. Mais tarde, tornámo-nos a primeira universidade portuguesa em rankings internacionais de especialidade, sobretudo na área de Economia, Gestão e Direito nos mandatos do Reitor Manuel Braga da Cruz. Rankings em que continuamos a liderar.

A Católica, assim o assinalava D. José da Cruz Policarpo, no seu discurso final à universidade em outubro 1996, assemelhava-se aos blocos de pedra arrancados à montanha que Miguel Ângelo deixara incompletos, sugerindo figuras em emergência, rebentando da pedra. As quatro figuras aprisionadas nestes blocos – e a que a história de arte chamou os escravos ou prisioneiros de Miguel Ângelo – representariam justamente nessa irrupção e incompletude, assim o dizia D. José, a Universidade Católica, no que tinha de sonho, mas também de sofrimento, o que o levava a denunciar desde logo e cito ‘quantos se queiram rever nela como obra perfeita.’<sup>2</sup>

Não somos obra perfeita, somos projeto, e risco. Tal como para o escultor que da pedra faz forma, para o decisor numa organização, evoluir, crescer, significa arriscar. É certo que antropológicamente o ser humano é adverso ao risco e procura por isso robustecer-se com informação e narrativas que reduzam a incerteza. Entendo a universidade, todavia, como espaço primordial do risco, não porque aqui, como dizia Nicholas Negroponte, co-fundador do MIT Media Lab, queiramos inventar de novo o futuro a cada seis meses, mas porque a missão da universidade é situar-se na vanguarda, transgredir produtivamente as fronteiras do conhecimento, experimentar, explorar com o nobre objetivo de melhorar a condição humana, privilegiando a investigação **para** em vez da pesquisa **sobre** os seres humanos.

Mas a universidade é também risco pela forma como no ensino somos – professores e estudantes – mutuamente transformados. O Papa Francisco, na alocução ao Congresso Mundial sobre Educação, promovido em Roma, em 2015, pela Congregação para a Educação Católica dizia justamente que educar é arriscar, desde logo na relação entre professores e estudantes. “O verdadeiro educador deve ser um mestre de risco, mas um mestre responsável.” Na verdade, o verdadeiro professor é aquele que quer ser sempre estudante. Os professores são aqueles que nunca saíram da escola, os que sabem que há mais para aprender e mais para investigar. Tal significa, nas condições complexas do nosso tempo, entender que os grandes desafios que se agigantam no futuro convocam distintos saberes, e práticas epistemológicas, que exigem rigor, por um lado, mas também a aceitação humilde da ignorância que a organização por disciplinas consigo traz.

Na sociedade em rede, o conhecimento constrói-se de forma solidária, num modelo arriscado que quebra a arrogância solitária da ciência feita em torre de marfim, e nos convoca para uma cidadania ecológica, uma prática em que a intervenção sobre os objetos, sobre o que nos é exterior, nos implica. A ecologia integral proposta pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si*, interpela-nos a aceitar o risco da relação, com o ambiente, na sociedade, na economia, na

<sup>1</sup> Sugerida em nota da Congregação para a Educação Católica ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira, de 1 de outubro de 1968.

<sup>2</sup> Discurso de D. José Policarpo à UCP, 14 de outubro de 1996.

política. E que ela seja também vivida na universidade, pois como escreve o Papa: “Há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social, e assim, se demonstra mais uma vez que ‘o todo é superior à parte.’” (116)

Não somos obra perfeita, somos projeto, e risco.

É neste espírito que vos proponho uma visão e um caminho para a UCP.

## 1. O que somos?

Universidade Católica Portuguesa, o nome constitui um programa, que liga a universidade enquanto instituição angular do processo civilizacional no que tem de arquivo do passado, de ação no presente e sobretudo de projeção do futuro, com a identidade humanista cristã e o projeto de serviço a Portugal e ao mundo. Este é um programa transformador, cuja grandeza é herdeira de um passado quase milenar, fundado na matriz das escolas catedrais, que deram origem à universidade. Mas a universidade mudou, o que dela se espera, o seu estatuto, quiçá, esquecida que foi no último discurso do Estado da União do Presidente Claude Juncker. Mas o desafio impossível de completar e os princípios mantêm a ambição: educar mulheres e homens científica, cultural e eticamente aptos a contribuir para a promoção do bem comum, intervindo na consolidação de sociedades democráticas, trabalhando para construir comunidades abertas e inclusivas, combatendo o que Virginia Woolf chamou a ‘ignorância segura dos especialistas’, a favor de uma especialização inclusiva, isto é, que potencia o diálogo entre os saberes. Uma universidade empreendedora, criativa, e tecnológica e cientificamente capaz.

Porventura, a universidade que no presente faz futuro liga a catedral à nuvem. Nos tempos da quarta revolução industrial, a nuvem (*the cloud*), esta metáfora da computação em rede e da sociedade de informação, define tanto uma tecnologia como assegura uma representação e assinala uma vivência. A imagem da nuvem congrega a nossa experiência de produtores/consumidores de dados, mas também a rede diáfana e invisível das novas formas de comunicação e a sociabilidade na net, a abstração do sistema financeiro e político, a virtualização das formas tradicionais de pertença à família, ao grupo, à região, ao país. A nuvem congrega a euforia e o risco da comunicação total, global, tornada qual dilema fáustico. Queremos conhecer tudo, de imediato, em simultâneo e em permanência. A nuvem passou a deter um papel infraestrutural que habita a forma como se vive, pensa, age. Permite resolver a complexidade, ao mesmo tempo que coloca sérios riscos à singularidade. A nuvem tecnológica habita inevitavelmente o projeto da nova universidade, mas não a determina.

E isto porque a universidade não se esgota na circunstância técnica, na aplicabilidade, na metodolatria. A inutilidade, o erro, constituem, afinal, um enorme valor em ciência. Porventura, enquanto representação, a nuvem, afirma de forma mais próxima do que o bloco de pedra, o desafio da nova universidade, porque apresenta um espaço sem limites, sem muros, que se desloca num ecossistema global, abraçando diferentes geografias, e ecologias sociais.

A ideia da nova universidade tem um espaço, mas não tem muros, será grande na medida em que for mais comunidade do



O abraço das duas Reitoras da UCP.

que estrutura física. Será necessariamente mais relação; desde logo interna, entre as suas partes, as suas faculdades, as pessoas, professores, estudantes, funcionários, em Braga, Lisboa, no Porto, em Viseu; mas também relação externa, ágil na relação de proximidade que tem vindo a saber eximamente cultivar com as empresas, com o sector cultural, com a sociedade civil, com as outras universidades e centros de investigação, no serviço à Igreja.

A nova universidade projeta-se ainda numa relação ambiciosa com o mundo, fomentando a internacionalização dos alunos, acolhendo culturas distintas e respeitando a diferença das 90 nacionalidades de estudantes que frequentam os nossos cursos; alargando o espaço de conversação académica e científica, promovendo a colocação internacional dos nossos licenciados, mestres e doutores. A universidade sem muros também é medida por rankings, e neste campo temos sido pioneiros, mas, como até aqui não embarcaremos na obsessão classificadora do que nos invisibiliza e saberemos escolher onde queremos estar. A universidade sem muros está presente no mercado e é solidária com ele, trabalhando com o conhecimento para potenciar o crescimento do tecido económico, de forma responsável e ecológica, sem comprometer os seus princípios e sem se reduzir a uma lógica tecno-instrumental. Por fim, a universidade sem muros é necessariamente uma instituição inclusiva. A sua responsabilidade institucional coloca como telos, ainda impossível, não deixar ninguém de fora por carência económica. Esta orientação fundacional da instituição foi nos últimos anos limitada pela realidade da operação e a necessidade de manter orçamentos sustentáveis. Apesar das contingências, a UCP despende anualmente em bolsas de mérito e bolsas de apoio social a alunos carenciados, cerca de 10,5% da sua receita de formação conferente de grau, em 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Os alunos da Universidade podem ainda, nos termos da lei, solicitar apoio social do Estado, mas o valor que daqui decorre é residual relativamente ao esforço da própria universidade, perfazendo apenas 0,9% do montante global atribuído em bolsas. Alargámos, ainda, o escopo de bolsas de mérito, a luso-descendentes, através do Católica Fellowship Program for Portuguese-Americans. E há muito mais para fazer, para que nesta situação desigual, a escolha pela Católica seja feita em liberdade.

Mas a universidade sem muros, do tempo da nuvem, não está nas nuvens, tem memória. E sabemos que o que somos o devemos

também à comunidade de beneméritos e *alumni*, muitos reunidos hoje aqui, a quem agradeço institucionalmente, e que ao longo de gerações têm continuado a acreditar neste projeto sempre (im)perfeito.

Nas metáforas que regem o discurso sobre a universidade, têm insistentemente predominado figurações como ‘mercado de ideias’ (Menand), ‘fábrica’, ‘laboratório’, subsumindo a prática a uma lógica de trabalho, de interação, exploração, mas também eficiência e normalização. Todas estas metáforas são pertinentes, mas talvez insatisfatórias perante a transformação atual da universidade. Proponho, por isso, que se pense a universidade sem muros, não da nuvem, mas na nuvem, mais do que como fábrica de conhecimento, normalizada e formatada por uma racionalidade instrumental, como estúdio de artista. A palavra estúdio invoca o termo *studium*, que está na origem de estudo, associando assim a disciplina, a prática reflexiva da aprendizagem e da investigação, com a liberdade criativa e transgressora até da prática artística realizada no estúdio, no atelier. Uma universidade que não é fábrica, mas estúdio, desenvolve a sua ação em torno da singularidade criativa. Não trabalha para ser igual, mas dá prioridade à diferença, desde logo de identidade, mas também nas escolhas estratégicas que faz, na seleção de prioridades, na aposta na inovação, no apoio à criatividade. O estúdio é onde se explora o horizonte a vir, é um espaço de trabalho, de experimentação, onde se exercita a incisão, se repete o gesto criador, se apaga e refaz até a obra emergir. Esta é uma boa metáfora do que a universidade faz e do que pode vir a ser, arriscando como escreveu o grande poeta Robert Frost tomar “The road less travelled” (a estrada menos percorrida).

E agora, para onde vamos?

## 2. Para onde vamos?

No horizonte da UCP, mais do que limites circunstanciais, que a gestão saberá transpor, perfilam-se oportunidades. É preciso ultimar projetos, cimentar a estratégia, gerir a diferença das unidades e reforçar o todo.

Tal caminho não deixará de se orientar segundo as quatro linhas mestras que a comunidade académica da UCP definiu para o Plano Estratégico 2015-2020: posicionar a investigação como suporte fundamental do ensino; incutir um modelo de internacionalização integrada (*comprehensive internationalization*) como compromisso institucional; desenvolver-se segundo um modelo de especialização inteligente, sustentado na integralidade ética; e promover a sustentabilidade financeira dos projetos académicos e de investigação.

Referi no início desta alocução que as circunstâncias não limitarão os princípios. Mas tal não significa idealismo vão ou irrealismo. Em matéria financeira não há lugar à experimentação nem à contabilidade criativa. Efetivamente, o desafio do crescimento perfila-se perante um horizonte de crise demográfica, com impacto real no ensino superior, já a partir de 2018.

Com solidez, e previsibilidade, teremos contudo, e necessariamente, de combater a situação e ultrapassar as circunstâncias. Para tal e para continuar a descoberta do caminho ainda não percorrido, proponho um plano de trabalho informado por uma premissa de fundo, contendo um compromisso operacional e quatro iniciativas estratégicas:

A premissa da ação futura é a da **clarificação planificada das prioridades**. Não podemos fazer tudo, de imediato, em simultâneo. Vamos selecionar linhas de intervenção, estruturar *clusters* transdisciplinares com incentivos próprios, ao mesmo tempo que se potenciará uma utilização mais eficiente dos recursos académicos e de estrutura, gerindo a mudança com responsabilidades partilhadas entre todos os atores do sistema.

Este mandato assume também compromissos operacionais, desde logo com os projetos infraestruturais em curso, no campus da Palma de Cima e no Campus da Foz, com a construção do novo edifício para formação de executivos da CLSBE e o edifício tecnológico para a Escola Superior de Biotecnologia no Campus da Foz, onde será instalada a plataforma de investigação em bioprodutos da empresa americana Amyris. Trata-se de um compromisso que permite aumentar a capacidade de operação da UCP – e de Portugal — nesta área, cimentar o seu contributo para o desenvolvimento de uma ‘economia circular’, no espírito de uma ‘ecologia económica’, salientada pelo Papa Francisco, para nos induzir a considerar a realidade de forma mais ampla além da simplificação dos processos e da redução dos custos (*Laudato Si*, 116), com respeito pelas pessoas, pela natureza e os seus dons. Nesta linha, deve igualmente referir-se o compromisso assumido com a operacionalização do Curso de Medicina, um projeto de *longue durée*, que atravessou 4 mandatos e tem vindo a marcar 30 anos de vida da universidade.

O plano de ação comporta ainda quatro iniciativas estratégicas a propor à comunidade e que muito brevemente enunciarei. A primeira é focada na estrutura:

1 – A iniciativa **Católica 4.0** comporta um plano para modernização e transformação digital, centrado na simplificação, na agilização da interação entre os utilizadores do sistema e no potenciar da responsabilidade. Trata-se de uma iniciativa alinhada com a estratégia académica e científica e não uma simples determinação tecnológica, porque afinal habitamos a nuvem, mas ela não determina as nossas ações.

A segunda iniciativa é focada nas pessoas:

2 – A iniciativa **Católica-Talentos** propõe uma abordagem de 360.º à gestão de talentos. Urge pensar a gestão de talentos de forma integrada, sobretudo no momento em que se discute a alteração ao modelo de acesso ao ensino superior, quando se exploram novos estímulos ao emprego científico, quando se projetam iniciativas de avaliação dos sistemas de qualidade e da estrutura. Diferenciar o acesso, reter os melhores alunos, promover a acessibilidade de estudantes nacionais e internacionais e articular este crescimento focado com uma gestão exigente, mas inteligente, das carreiras universitárias. Com esta iniciativa deseja-se otimizar o recrutamento, promover o desenvolvimento dos talentos académicos, instituir indicadores de desempenho exigentes e adequados a cada área disciplinar, estimular a retenção dos melhores (estudantes e docentes) e desenvolver um sistema de incentivos adequado à capacidade de cada unidade. E não esqueçamos nesta lógica os colaboradores, essenciais ao sucesso de qualquer sistema de qualidade universitária.

A terceira iniciativa cultiva o que alguns designam ‘o cerne da questão’, a investigação:

3 – A iniciativa **Católica I&I** (Católica Investigação e Inovação) tem como palavras de ordem Qualidade, Diferenciação e Colaboração. Para responder a desafios de complexidade crescente reforça-se o modelo colaborativo, acentua-se a orientação transversal do pensamento humanístico para informar qualquer prática científica. A iniciativa inclui o fortalecimento dos modelos de aferição da qualidade da investigação, da produtividade das unidades de I&D e da formação de 3.º ciclo a elas associada e, bem assim, dos indicadores de transferência de conhecimento em ligação com as unidades de conhecimento nas empresas. Desta iniciativa faz parte o desenho do Católica eLab, um acelerador de ideias para congregar estudantes, investigadores, professores e empresas em projetos colaborativos sem restrição de área; e bem assim a já anunciada Católica Doctoral School.

A quarta iniciativa congrega a visão da universidade como estúdio num sentido mais literal, trata-se da

4 – Iniciativa **Campus-Cultura** – Porque a arte também é produtora de conhecimento e o cultivo da beleza um desiderato da ação humana, a iniciativa tem como missão tornar a universidade um espaço aberto à arte, potenciando a intervenção artística *site-specific* nos vários campus e a afirmação da universidade como objeto curatorial e não simplesmente como produtora de conhecimento sobre curadoria.

Não somos obra perfeita, somos projeto e risco. Acredito numa universidade que pensa e labora em total liberdade, solidamente edificada nos valores e trabalhando para a revelação da obra de Deus e da criação, confiante na expressão da Parábola do Semeador do Evangelho de S. Lucas, e que tão inspiradora é para a tarefa da ciência, “não há coisa oculta que não acabe por se manifestar, nem secreta que não venha a ser descoberta.” (Lucas 8,18)

Que Deus nos ajude a ser projeto! Muito obrigada. ■



## O Presidente da República agraciou a Reitora da Universidade Católica Portuguesa

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa agraciou a 14 de outubro de 2016 com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública a Reitora da UCP, Maria da Glória Dias Garcia, em cerimónia que decorreu aquando do lançamento do livro “Família. Essência e Multidisciplinaridade”. Com a coordenação de Helena Rebelo Pinto e José Miguel Sardica esta obra foi o produto de uma investigação sobre o tema a cargo de múltiplos especialistas docentes da Universidade Católica Portuguesa.

A Professora Maria da Glória Dias Garcia, que cessaria funções a 28 de outubro seguinte, recebeu com esta condecoração o vivo e sentido reconhecimento da classe universitária e de todos os que testemunharam o corajoso empenho com que tem vivido a sua carreira.

## Congresso Internacional Tomás Moro

A Sociedade Científica colaborou, como parceira, no congresso internacional “Tomás Moro e o Sonho de um Mundo Melhor: nos 500 anos da Utopia”, que teve lugar na UCP nos dias 24, 25 e 26 de novembro, e foi organizado por quatro centros de investigação da UCP (CEFi, CECC, CEHR e CERC). A conferência inaugural foi proferida por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, com o título “A Utopia, ainda...”. Contando com cerca de oitenta participações, a abrangência das temáticas tratadas reafirmou a relevância da Utopia e da tradição utópica na cultura contemporânea. As dimensões literária, religiosa, histórica, política, económica, social ou cultural do texto original de Moro, quer no seu tempo, quer nos cinco séculos posteriores foram objeto de análises várias, que constituem um valioso contributo tanto para os estudos morianos como para a apreensão das inúmeras repercussões que esta obra teve na construção da modernidade e o potencial interpretativo que continua a manter no século XXI. Foram muitos os membros da SCUCP que participaram nos trabalhos, designadamente a Presidente da SCUCP, Luísa Leal de Faria, que apresentou uma comunicação no início da primeira sessão, a Diretora do Boletim *Lumen Veritatis*, Maria Lúcia Garcia Marques que participou no painel em que se evocou Paulo Freire, ou José Miguel Sardica, membro da Direção, que apresentou uma comunicação na última sessão do Congresso.



## RECORDAMOS



**António Moreira  
Barbosa de Melo**  
1932-2016

No seu Doutoramento  
«Honoris Causa» pela  
Universidade Católica  
Portuguesa

(Lisboa, 7/02/2011)

Maria da Glória Dias Garcia

ANGELUS SILESIUS, o místico poeta germânico do século XVII, escreveu lapidarmente: «Die Rose ist ohne warum!» («A rosa é sem porquê»). Não há que buscar justificação para a sua beleza, para a serenidade que transmite. A rosa eleva quem a vê e sente o seu perfume, fazendo a todos comungar de uma indizível sensação de prazer, simplesmente porque, como diria o nosso poeta teólogo TOLENTINO DE MENDONÇA, a rosa pertence à poética de Deus, ou, retomando as palavras modelares de ANGELUS SILESIUS, «a rosa é sem porquê».

Diferentemente, os actos de doutoramento que a Universidade Católica Portuguesa concretiza, neste dia em que se comemora como instituição e presença irradiante na vida social e política portuguesa, têm um porquê, razões que os justificam. São «honoris causa». A honra é o porquê de cada acto de doutoramento, o que lhe dá corpo, ao mesmo tempo que o identifica. E a honra ganha-se ao longo da vida, em trabalho intelectual porfiado e saber partilhado, em limpidez e abertura de espírito, em firmeza de carácter e culto pelo rigor, em especial sentido de dever volvido em actos. Ou, sob outra perspectiva, a honra adquire-se «como o tesouro do avarento: com sacrifício, fadigas e privações bem dolorosas», como disse um brilhante juspublicista e estadista de oitocentos, António Cândido.

Não admira que o protocolo imponha para a realização destes actos um orador, escolhido pela Universidade entre os seus doutores. Tem ele por tarefa tornar claro ao auditório a honra que justifica cada doutoramento, com que a Universidade também se honra, ao mesmo tempo que honra quem indigita para a oração, deferência que, no caso, humildemente e desde já, agradeço.

E os estatutos velhos da Universidade de Coimbra, que aqui cito como fonte secular e marco cultural da vivência universitária portuguesa, acrescentavam que os oradores deverão, nas palavras que proferirem, «empenhar-se em que nelas se faça ver o merecimento do(s) doutorando(s) de um modo sério e grave».

É em cumprimento de tão honroso quanto difícil encargo que, de modo sério e grave, como a circunstância exige, aqui estou a apresentar, para o efeito de concessão do grau de *Doutor Honoris Causa*, o intelectual cristão, o investigador de corpo inteiro, o jurista renomado, o cidadão exemplar empenhado na realização do Estado de Direito, ANTÓNIO MOREIRA BARBOSA DE MELO.

Quando, em 1971, iniciei a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, já a fama o precedia. ANTÓNIO BARBOSA DE MELO começou por ser um nome que me habituei a admirar e respeitar. As razões eram várias. Em primeiro lugar, pertencia a uma pequena elite de universitários cobertos por uma auréola de excelência, a que o prémio da Fundação Calouste Gulbenkian, atribuído em 1961 à tese de mestrado *Do Vício de Forma no Acto Administrativo*, apresentada dois anos após a brilhante licenciatura com 18 valores na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, mais não fizera do que comprovar. Em segundo lugar, porque integrava, desde 1954, um particular grupo de católicos socialmente interventivos – ainda estudante, ANTÓNIO BARBOSA DE MELO comprometeu-se escrevendo («*O universitário e o magistério da Igreja*»), publicado na revista Estudos do CADC, n.º 363, 1958, p. 41-48), vivendo intensa e criticamente factos políticos, desde logo, a revolta húngara silenciada pelos tanques soviéticos no Outono de 1956 e a acção esperançosa de D. António Ferreira Gomes («*D. António Ferreira Gomes e os estudantes católicos de Coimbra (1956-59)*») in «Reconciliação. Caminho para a paz», Fundação SPES, vol. IV, 2000, pp. 73-91), e ainda assumindo cargos públicos de relevo, já que foi presidente do CADC (Centro Académico de Democracia Cristã) (1959). Em terceiro lugar, porque lhe sobejava tempo para, como estudante de direito (integrado na «Obra dos presos», promovida pelo CADC), voluntariamente exercer uma tarefa solidária de acompanhamento assistencial de presos na Penitenciária de Coimbra, no que evidenciava já a sua faceta de cidadão de excepção.

Estas dimensões de jurista brilhante, católico empenhado e cidadão exemplar, patentes antes de ANTÓNIO BARBOSA DE MELO perfazer trinta anos de idade, que agigantavam o seu nome e o anunciavam, quando ausente, punham um realce alguém de que muito se poderia esperar. ANTÓNIO BARBOSA DE MELO não defraudou expectativas, elevando lucidamente a coerência a ideal de vida.

Homem de uma só fé, de uma sólida e crescente cultura humanista, de uma visão jurídica rica e multifacetada, sustentada numa investigação consistente, deixou nos projectos sociais, políticos e culturais onde se envolveu o traço da sua personalidade, uma personalidade que não pactua com ambiguidades mas que sabe criar consensos, uma personalidade exigente e rigorosa consigo própria mas que sabe ser paciente e compreende as hesitações e silêncios de principiantes da investigação, da docência, da vida profissional ou política, uma personalidade que não procura as luzes da ribalta mas não foge às responsabilidades e as assume com elevado sentido de missão.

Como docente universitário, iniciou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, de onde é hoje professor catedrático jubilado, e aceitou o desafio de apoiar e dar força ao projecto em construção da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, no Porto, aí leccionando de 1980 a 1991. E as suas *Notas de Contencioso Comunitário* (1986) bem como as lições de *Direito Administrativo II* (1987 e 1989) e, mais recentemente, de

*Direito Constitucional e Administrativo da Banca, Bolsa e Seguros* (2003/4) marcam a leccionação universitária do direito público.

Dos estudos de ANTÓNIO BARBOSA DE MELO pode dizer-se o que certamente Pablo Picasso afirmou um dia: «*A inspiração existe, mas temos de a encontrar trabalhando*». Foi, com efeito, trabalhando, pensando, maturando, que escreveu textos particularmente inspirados e inspiradores como «*Democracia e Utopia*» (1980), «*Sobre o problema da competência para assentar*» (Notas a António Castanheira Neves e à sua obra «O instituto dos assentos», 1983) ou «*Introdução às formas de concertação social*» (1984), texto com que interveio na Conferência Internacional organizada pela Universidade Católica Portuguesa e a Embaixada da Áustria, na Fundação Calouste Gulbenkian, subordinado ao tema, novo e à época politicamente sensível (1982), «*Pacto Social e Política de Rendimentos*», sobre o qual a doutrina juspublicista portuguesa até então só ouvira falar pela pena luminosa de um grande professor, também da Faculdade de Direito de Coimbra e da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, perante cuja memória saudosamente me curvo, o Doutor João Baptista Machado.

Atraído pelo projecto europeu e a sua compreensão integrada com o projecto jurídico-político português, ANTÓNIO BARBOSA DE MELO dedicou-lhe páginas distendidas, interrogativas, intensas: «*Portugal e a ideia de Europa*» (1990), «*Soberania e União Europeia*» (1999), «*Legitimidade democrática e legislação governamental na União Europeia*» (2001), «*A construção europeia e a defesa das identidades nacionais: uma perspectiva normativa*» (2002).

Mas a atracção pelo projecto jurídico-político português não se ficou pela reflexão, pela escrita, pela docência. Abrangeu a faceta de político, cidadão comprometido com os destinos do seu país e a modelação de uma democracia pluralista e ocidental, num Estado de Direito fundado na dignidade da pessoa humana. Nesta qualidade, ajudou à construção do sistema partidário português (em concreto, esteve presente na fundação do Partido Social Democrata), participou na comissão para a elaboração da lei eleitoral para a Assembleia Constituinte (Junho a Agosto de 1974), foi deputado à Assembleia Constituinte (1975-1976) e deputado à Assembleia da República (1976-1977 e 1991-1999), e, no período de 1991-1995 foi Presidente da Assembleia da República.

Acresce que se a grandeza dos homens se reconhece nos pormenores, ANTÓNIO BARBOSA DE MELO prova a bondade da asserção em múltiplos momentos. Prova-o na forma como prestou homenagem ao seu e – permitam-me que acrescente uma nota pessoal – também meu mestre Afonso Rodrigues Queiró, a quem sentida e reconhecidamente me associo na homenagem, integrando-o, nas suas palavras, no «*rarefeito conjunto dos homens de princípios, quer no plano intelectual quer no plano da acção*» e dedicando-lhe um texto notável em que reabilita um antigo universitário e jurisconsulto insigne, naquilo a que designa «*descida à sombra*» de António Cândido. Prova-o também na «*Nótula de um jurista*», enquanto membro do Centro de Estudos de Bioética, em que «*reclama leis adequadas à protecção da dignidade humana perante o uso e possível abuso das novas tecnologias ligadas à vida dos indivíduos e da espécie humana*» («*Communio*», 1990), bem como no estudo em que defende um «*conceito constitucional de família na ordem jurídica portuguesa*» («*Communio*», 1986) e na reflexão no II Encontro de

Políticos e Legisladores da Europa, reunido em Roma em 1998, sobre os «*direitos humanos e os direitos da família*». E prova-o ainda nas palavras que usa para prefaciar a edição traduzida de «*Prinzipj di Scienza Nuova*» de Giambattista Vico, outra das suas referências culturais fundantes, bem como na forma vibrante como introduz a tradução portuguesa da obra de Gustav Zagrebelsky, «*A Crucificação e a Democracia*», na qual entende – e cito – que «*a grandeza trágica de Jesus*», a «*sua fidelidade à missão de que vigorosamente se declarou investido*», evidenciada no «*drama fundador da nossa cultura e civilização*» –, é apresentada naquela obra como garantia do pensar redentor sobre a crise da democracia política.

Por tudo, a sua escolha para Presidente da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa foi natural, como natural é a contínua procura do seu conselho fino e entretecido, sempre ouvido com atenção e proveito.

É para este homem de reflexão e saber, ANTÓNIO MOREIRA BARBOSA DE MELO, de convicções profundas e mundividência alargada, que busquei retratar com justiça e verdade, mas de forma solene e séria, como manda a tradição, que solicito, Magnífico Reitor, a láurea doutoral. ■



**Professor**  
**Xavier Pintado**  
**O Senhor EFTA**  
**1925-2016**

Maria Manuela Ferreira Leite

O Prof. Xavier Pintado faz parte daquele raro grupo de pessoas que suscita um respeito generalizado, mesmo daqueles com os quais não manteve qualquer relacionamento pessoal.

O seu nome é uma das indiscutíveis referências de uma geração de economistas, pelo seu contributo para o conhecimento de questões económicas, fruto de uma intensa e notável actividade intelectual em relação a estas matérias. Nesse sentido, foi precursor de estudos e análises sobre a economia portuguesa que continuam a ser citados por quem se dedica a esta área de investigação.

Quem nunca leu o seu trabalho “*Structure and Growth of the Portuguese Economy*”, de 1964, que ainda hoje é considerado um dos mais importantes estudos sobre a economia portuguesa?

De resto, o seu currículo é bem o espelho duma opção de carreira mais científica do que técnica.

Foi Director do Gabinete de Estudos e Relações Económicas Internacionais da Associação Industrial Portuguesa e do Gabinete de Estudos Económicos do Banco Português do Atlântico.

A área económica em que deu um decisivo contributo e com maior visibilidade foi nas matérias relacionadas com o Comércio

Externo, tendo mesmo sido Secretário de Estado do Comércio entre 1969 e 1972.

O seu nome ficou definitivamente ligado à EFTA e à OCDE onde trabalhou como representante português naqueles organismos internacionais.

Portugal pertenceu à EFTA desde a sua fundação, fazendo portanto parte de um bloco económico constituído por vários países europeus que, mais tarde, fez acordos com a Comunidade Económica Europeia para a criação de uma Zona de Comércio Livre.

Assim, uma parte importante do percurso que nos conduziu à integração europeia em que hoje vivemos está associado ao trabalho do Prof. Xavier Pintado em matérias tão determinantes quanto as relacionadas com o funcionamento do comércio livre.

No trabalho desenvolvido nos referidos organismos internacionais deixou bem patente a sua visão de futuro que todos lhe reconheciam.

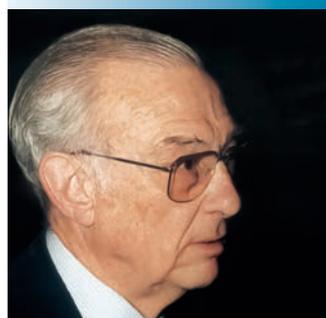
Mas o Prof. Xavier Pintado também se notabilizou como universitário, tendo sido o primeiro director da Católica Lisbon School of Business and Economics da Universidade Católica onde foi Vice-Reitor.

O empenho e competência com que desempenhou estas funções foram de alguém que tudo realizava com o espírito de missão que nunca o abandonou.

Também o seu sentido de responsabilidade cívica o levou a ser um dos fundadores do CDS.

Julgo, no entanto, que o seu mais importante e imortal legado, que deixou às gerações futuras, foi o seu sentido ético da vida que sempre transmitiu aos seus alunos e moldou o seu percurso profissional.

Esteve sempre ao serviço dos interesses do país com a humildade apenas própria de um Grande Homem.



**Fernando  
Guedes**  
1929-2016

*João Bigotte Chorão*

Múltiplas as facetas de Fernando Guedes – escritor, gestor e, durante meio século, editor. E foi, como editor, muito respeitado pelos seus pares, nacionais e estrangeiros, que o elegeram para a presidência de associações da classe, como a Associação Portuguesa de Editores e Livradores e a União Internacional de Editores, a qual lhe concedeu mesmo o título de presidente honorário. Ainda ao longo da sua carreira outras distinções recebeu: Medalha de Mérito Cultural, Grande Oficial da Ordem do Infante, Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada e Comenda da Ordem de São Gregório Magno (no pontificado do Papa João Paulo II). Por sua

vez, a Universidade Internacional Menéndez Pelayo, de Santander, atribuiu-lhe o grau de doutor honoris causa. Foi a sua acção como editor que justificou estas distinções.

O nome de Fernando Guedes está indissolúvelmente ligado à Editorial Verbo, de que foi, com Sebastião Alves, um dos fundadores, em 1958. Antes disso, e ainda na sua cidade natal, matriculou-se no Instituto Comercial do Porto e na Universidade Técnica, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, estudos que, não por vontade própria, teve que interromper. Mas já se revelava o seu gosto das letras e das artes plásticas, e no seu modo de ser se adivinhava um futuro diplomata... Na encruzilhada da vida, foi no mundo da edição que entrou, para só sair dele quando as circunstâncias se impuseram.

Na Editorial Verbo, Fernando Guedes cedo começou a planear obras de grandes dimensões e exigências. Com o firme apoio do reitor Bacelar e Oliveira e do carismático P. António de Magalhães e outros membros de renome da Companhia de Jesus, nomeadamente no campo da Teologia e da Filosofia, da História e da Literatura – Domingos Maurício, Mário Martins, Paulo Durão, Roque Cabral, João Mendes, Manuel Antunes, que se prestaram a dar a sua valiosa colaboração.

Inicialmente publicada em fascículos mensais, a Enciclopédia passou a sair em volumes anuais. O seu êxito impôs volumes de actualização e aconselhava lançar uma enciclopédia, tanto quanto possível, nova. Assim veio a lume a Enciclopédia Verbo – Século XXI. Entretanto, criou-se um Departamento de Enciclopédias e Dicionários. Depois de enciclopédias generalistas, seguiram-se enciclopédias temáticas, sob o patrocínio da Sociedade Científica da Universidade Católica: a Enciclopédia da Sociedade e do Estado Polis, a Enciclopédia da Filosofia Logos, a Enciclopédia das literaturas da Língua Portuguesa Biblos. Fernando Guedes não curava apenas de editar escritores com os quais estabelecia amizade: o historiador Veríssimo Serrão, o escritor Tomaz de Figueiredo, os autores incluídos na colecção de ensaios “Presença”.

Literariamente, Fernando Guedes identifica-se com a geração da Távola Redonda, a revista onde pontificavam António Manuel Couto Viana e David Mourão Ferreira numa linha de rigor lírico. Fernando Guedes sacrificou noutros altares, com a sua poesia mais intelectualizada e vanguardista, tributária de Ezra Pound e T. S. Eliot – o mesmo Eliot que defendia uma tradição renovada pelo talento pessoal. Entre 1959 e 1961, Fernando Guedes dirige a revista Futuro Presente, em que encontramos lado a lado como convidados de honra, Almada, Agustina, Tomaz de Figueiredo, vanguardistas ou tradicionalistas serviam como puderam o seu senhor. A colaboração artística de Fernando Lanhas garantia a qualidade gráfica da revista. As cuidadas edições da Verbo dir-se-iam herdeiras dessa refinada sensibilidade moderna. Mais tarde, deu à Verbo o seu concurso Sebastião Rodrigues, esse “gráfico extraordinário”, como lhe chamou Fernando Guedes.

Sócio fundador da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, outras instituições o acolheram no seu seio: a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Portuguesa de História, a Academia Nacional de Belas-Artes, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Nessas e noutras instituições apresentou comunicações e animou debates onde a sua voz era ouvida e respeitada.

Numa época ingrata para a edição, Fernando Guedes ofereceu-se o gosto de pôr a fasquia mais alta, com livros impressos em bom e encorpado papel na colecção de clássicos antigos e modernos, “Biblioteca Integral Verbo” e “Tesouros da Língua Portuguesa”, colecções canceladas em circunstâncias desafortunadas. Sentimos um certo desconforto quando, numa livraria ou num supermercado olhamos o espaço invadido por um subproduto que pouco ou nada tem a ver com a literatura e muito a confundir-se com a superficialidade e o vazio. No declínio do livro não vemos o declínio do próprio homem? O livro, o grande livro é, na verdade, uma companhia de horas de solidão e sofrimento e de reconquista da liberdade interior. Contrariando o generalizado pessimismo, Fernando Guedes acreditou em “O livro do futuro ou o futuro do livro”. Prevalendo-se da sua vida de editor e de estudos, publicou “O livro como tema – história, cultura, indústria”.

Em 2009, chegou para Fernando Guedes não a hora da reforma, que nunca chegou a gozar, mas a hora melancólica da despedida da Verbo, que passou a outras mãos e a outros desígnios. No longo e elucidativo diálogo com Sara Figueiredo Costa, Fernando Guedes, ao revisitar com admirável memória a sua vida, confessou a certa altura que tinha ainda projectos a cumprir. A saúde progressivamente abalada já não lhe permitiu novas aventuras culturais.



**Pedro Aguiar  
Pinto**  
1955-2016  
In memoriam

*Luisa Leal de Faria*

Num volume que dedicamos às memórias, em que recordamos e homenageamos figuras decisivas para a construção da Sociedade Científica, desde a sua origem até aos tempos mais recentes, a Direcção não quer deixar de dedicar algumas palavras ao Professor Pedro Aguiar Pinto. Juntou-se a esta equipa directiva em Março de 2016, aceitando a ela pertencer não obstante as inúmeras actividades e responsabilidades que já tinha a seu cargo. Fê-lo com total dedicação, com enorme generosidade, e partilhou com esta equipa o seu saber, a sua inteligência, o seu bom senso, o seu sentido de humor. As suas qualidades pessoais estavam reflectidas na sua fisionomia, sempre afável e sempre sorridente, espalhando à sua volta um sentimento de bem-estar e de alegria interior contagiantes. O Professor Pedro Aguiar Pinto foi um académico notável, que prestigiou com a sua colaboração a Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Mas, para lá das suas qualidades e competências científicas, o Pedro era um homem de bem, que fazia o bem à sua volta, que irradiava bondade. A sua peregrinação na terra terminou.

Mas deixou, em todos aqueles em que tocou com o seu exemplo a vontade de serem melhores. Recordamo-lo com profunda saudade.

#### PORQUE PEREGRINAMOS

Julgamos que vamos com um objectivo e o que acontece no caminho mostra-nos que afinal era de outra coisa que nós precisávamos.

O tempo, o silêncio, a oração, o sacrifício, a partilha de cinco dias de caminho, logo no início do ano, ajudam a vivê-lo melhor. Porque se a peregrinação é uma parábola da vida, fazê-la, faz-nos querer oferecer o que acontece na vida com a mesma disponibilidade com que o peregrino oferece cada dia. É uma verdadeira experiência, porque nela descobrimos a inteligência do sentido das coisas.

*Pedro Aguiar Pinto*



**Bernardo  
Pacheco de  
Carvalho**  
1957-2016

O Prof. Bernardo Pacheco de Carvalho desde cedo se dedicou à área da Agronomia Tropical e Sub-Tropical, situação a que certamente não terá sido alheio o facto de ter residido no Brasil, onde, ainda jovem, se graduou em Engenharia Agronómica, na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de S. Paulo, instituição onde viria a realizar também o Curso de Mestrado em Economia Agrária. O interesse pela vertente económica seria depois consolidado através do doutoramento realizado na Universidade do Minnesota, nos EUA.

A sua vida foi pontuada por várias funções académicas e profissionais, entre as quais se contam o cargo de coordenador executivo do Mestrado em Produção Agrícola Tropical e mais tarde, de Coordenador do Mestrado em Agronomia Tropical e Desenvolvimento Sustentável.

Foi, igualmente, Coordenador da Secção Autónoma de Agronomia Tropical e, posteriormente, Vice-Presidente e Presidente do então Departamento de Agro-Indústrias e Agronomia Tropical.

Dirigiu a REDISA – Rede de Educação, Informação e Cidadania para a Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável e foi coordenador do CIAT-CD – Centro de Investigação de Agronomia Tropical – Cooperação e Desenvolvimento.

Associado do Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento (CENTROP), foi ainda consultor e representante do ISA em diversas situações, ajudando a criar pontes e estabelecer relações de cooperação.

Seria em Moçambique que viria a falecer, onde se encontrava, atualmente, ao serviço do ISA e da CPLP.

## UMA OBRA DE ARTE NA UCP

Maria Lúcia Garcia Marques

Assinalando o centésimo aniversário do nascimento do grande obreiro da sua fundação, a Universidade Católica Portuguesa entendeu homenagear o Padre Bacelar e Oliveira com uma obra de arte – figuração da gratidão e do compromisso com que nunca deixará de celebrar a sua memória.

Da forma a dar a esse desiderato encarregou o escultor Manuel Rosa. Nascido em Beja (1953), Manuel Rosa cursou Escultura na ESBAL (1978), integrando a geração de escultores dos anos 80. Foi distinguido na Bienal de Vila Nova de Cerveira com o Prémio Aquisição e obteve um 2.º Prémio em Serralves. Com a figuração de um perfil metálico de S. João Maria Vianney, padroeiro dos párcos, (recortado a partir de uma escultura que se encontra em Ars) foi um dos colaboradores na construção da Capela Árvore da Vida, instalada no Seminário Conciliar S. Pedro e S. Paulo, Braga (2011), notável pela sua originalidade e envolvimento espiritual.

Instalada no átrio do primeiro edifício construído para a Universidade Católica, a obra evocativa da figura do homenageado evidencia o propósito de conciliar uma mensagem com uma figuração por objetos reconhecíveis,

mas utilizando uma simbologia e um vocabulário estético que nos torna curiosos na sua decifração. Configurada em calcário, que aqui se diria uma pedra amável pois em nada pesa ou se impõe, a peça parece querer fugir de qualquer comparação com as costumeiras lápides, tomando antes a forma mais ágil de uma nuvem. Nuvem peregrina? De qualquer forma, uma nuvem habitada, cuja força interna, bem estruturada por uma fenestragem vigorosa, se

esbate no contorno ondoado que finaliza a peça. Das sete ânforas à silhueta de um caminhante apenas esboçado, a uma água ou uma imagem sagradas que se suspeitam na rugosidade dos fundos a contrastar com a limpeza dos relevos verticais, que nos quis dizer Manuel Rosa das suas intenções, qual a sua mensagem, aqui desenhada tão entre o nítido e

o difuso? Estas e outras perguntas ser-nos-ão respondidas pelo autor numa próxima edição do nosso boletim, mas entretanto, fiquemos com as luminosas palavras de S. Paulo, que se acendem na perenidade da pedra:

*“Tudo o que é verdadeiro e nobre / tudo o que é justo e puro / tudo o que é amável / tende isso em mente” (Fp, 4-8).*



### Propriedade

Universidade Católica Portuguesa – Sociedade Científica  
Palma de Cima – 1649-023 Lisboa  
Tel.: 35 21 721 40 00 • Fax: 351 21 726 05 46  
scientif@lisboa.ucp.pt • www.scucp.ucp.pt

**Diretora** Maria Lúcia Garcia Marques

**Revisão** Paula Gonçalves

**Paginação e Impressão** Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Isenta de Registo na ERC ao Abrigo do Dec. 8/99

As imagens desta publicação são disponibilizadas ao abrigo do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, Lei n.º 82/2013 de 6 de dezembro, art. 75.º, n.º 2, alínea e.